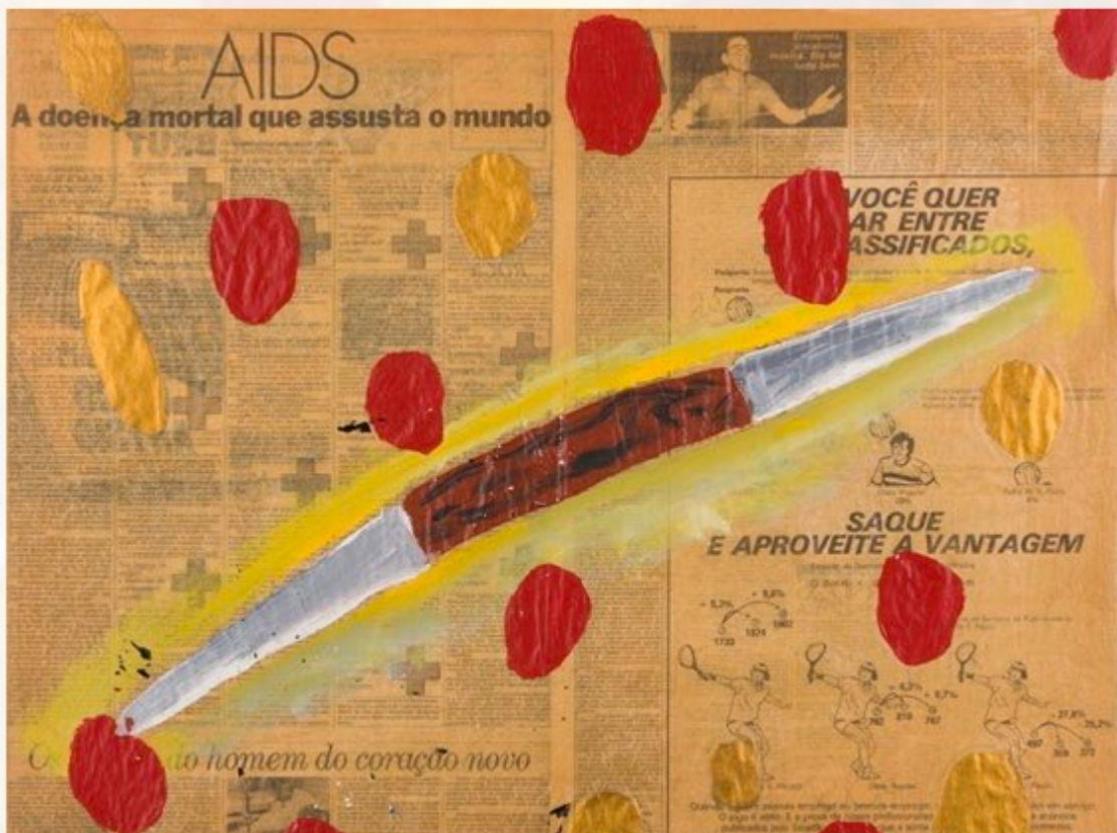


UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CURSO DE HISTÓRIA

A FABRICAÇÃO DO ESTIGMA DA AIDS:

o perigo epidemiológico no jornal Pioneiro (1983-1996)



LUCAS GABRIEL BUFFON

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE HISTÓRIA**

LUCAS GABRIEL BUFFON

**A FABRICAÇÃO DO ESTIGMA DA AIDS:
O PERIGO EPIDEMIOLÓGICO NO JORNAL PIONEIRO (1983-1996)**

ERECHIM

2021

LUCAS GABRIEL BUFFON

**A FABRICAÇÃO DO ESTIGMA DA AIDS:
O PERIGO EPIDEMIOLÓGICO NO JORNAL PIONEIRO (1983-1996)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadores: Profa. Dra. Débora Clasen de Paula e Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza.

ERECHIM

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Buffon, Lucas Gabriel

A fabricação do estigma da aids: o perigo
epidemiológico no jornal Pioneiro (1983-1996) / Lucas Gabriel
Buffon. -- 2021.

87 f.:il.

Orientadora: Dra. Débora Clasen de Paula

Co-orientador: Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza Trabalho de
Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura
em História, Erechim, RS, 2021.

1. Estigmatização. 2. Homossexuais. 3. hiv-aids. 4. Imprensa. I.
Paula, Débora Clasen de, orient. II. Souza, Fábio Francisco Feltrin de,
co-orient. III. Universidade Federal da Fronteira Sul. IV. Título.

LUCAS GABRIEL BUFFON

**A FABRICAÇÃO DO ESTIGMA DA AIDS:
O PERIGO EPIDEMIOLÓGICO NO JORNAL PIONEIRO (1983-1996)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em História.

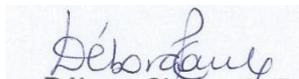
Orientadores: Profa. Dra. Débora Clasen de Paula e Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
18/05/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza
Orientador



Profa. Dra. Débora Clasen de Paula
Orientadora



Prof. Dr. Elias Ferreira Veras
Membro



Prof. Dr. Murillo Dias Winter
Membro

Dedicado para as pessoas que viveram e vivem com hiv-aids.

AGRADECIMENTOS

Nesta monografia de Trabalho de Conclusão de Curso faço os seguintes agradecimentos:

A Lei nº 12.029, de 15 de setembro de 2009 que criou a Universidade Federal da Fronteira Sul e permitiu que um estudante de escola pública adentrasse no ensino superior.

A Universidade Federal da Fronteira Sul que proporcionou um ambiente acadêmico de qualidade e de formação cidadã.

Aos professores que durante a graduação promoveram grandes reflexões historiográficas e ensinaram-me que a História é uma ciência do tempo presente.

Aos meus orientadores Profa. Dra. Débora Clasen de Paula e Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza que são exemplos de historiadores comprometidos com a educação. Assim, disponibilizaram seu valioso tempo e seus conhecimentos para ajudar na concretização deste trabalho.

Ao Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul que possibilitou acesso aos documentos históricos.

Meu pai, minha mãe e irmã que sempre valorizaram educação e proporcionaram o suporte necessário para que nunca faltasse nada.

Minha vó (*in memoriam*) que desde da minha infância mostrou a importância da luta política e a do afeto.

Meus amigos e amigas que me acompanharam nesta jornada e oportunizaram momentos concreto de carinho.

Minha psicóloga que durante estes últimos três anos ajudou compreender melhor minha existência e auxiliou em momentos difíceis.

As divas pop em especial Lady Gaga, Beyoncé, Madonna, Ariana Grande, Linn da Quebrada e Pablio Vittar que nos momentos que estava triste durante a graduação me animavam com a qualidade de suas obras.

“Nenhum futuro pode mais remediar o que ocorreu aos homens que sucumbiram. Eles jamais serão exortados para se regozijarem na eternidade.”
(HORKHEIMER, 2000, p. 82)

RESUMO

Esta monografia de Trabalho de Conclusão de Curso pretende problematizar a relação estigmatizante do hiv-aids fabricadas no jornal *Pioneiro* de Caxias do Sul-RS entre os anos de 1983 e 1996. A metodologia desenvolveu-se a partir do levantamento bibliográfico, buscando estabelecer uma rede constelações entre autores ligados com a temática e amparados pela análise nas matérias publicadas pelo jornal *Pioneiro*. As fontes utilizadas para a concretização deste trabalho foram retiradas do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul. Os resultados alcançados apontaram que a exposição ao hiv é construído por uma História cultural e se constatou que, além de uma história epistemológica, os discursos produzidos pela comunidade científica e reproduzido pelos meios de comunicação marcaram sujeitos, marginalizaram, estigmatizam ou colocaram na condição de “aidético”. A monografia é estruturada em três capítulos, o primeiro, “*Corpos repatologizados em vivências estigmatizadas*”, abordará uma reflexão teórica a partir da evidência da epidemia do hiv-aids nos anos de 1980; o segundo, “*A construção do hiv-aids no jornal Pioneiro*” problematizará a narrativa da cobertura do jornal *Pioneiro* entre 1983 a 1996 sobre hiv-aids; e o terceiro, “*Todos nós pensamos em um futuro: a vivência de caxienses com hiv-aids*”, tratará das entrevistas realizadas com pessoas de Caxias do Sul com exposição ao hiv e seus familiares, e que foram publicadas no jornal.

Palavras-chave: Estigmatização. Homossexuais. hiv-aids. Imprensa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Cartaz da Inspeção de Profilaxia da tuberculose	31
Figura 2– Cartaz “AMOR NÃO MATA.”	32
Figura 3 – Capa “Igreja critica campanha da AIDS”	39
Figura 4 – Capa do jornal Pioneiro	42
Figura 5 – Capa “O primeiro caso de AIDS em Caxias”	47
Figura 6 – Placa na saída de Canela	49
Figura 7 – Capa “AIDS: primeiro caso envolvendo um caxiense”	50
Figura 8 – “Doente só com autorização!”	51
Figura 9 – “Mãos pedem ajuda”	55
Figura 10– Marcos	56
Figura 11– Jovem caxiense vivendo com hiv-aids	58
Figura 12– Vicenti e Solange	60
Figura 13– Luiz.....	63
Figura 14– Claudemir no hospital.....	64
Figura 15 – Campanha de informação ao risco de contrair hiv 01/12/1996	66

LISTA DE QUADROS

Detalhamento das edições que compõem o inventário de fontes históricas.....	80
Tematizações de reportagens com referência ao hiv-aids.....	82

LISTA DE SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CDC	<i>Centers for Disease Controls</i>
CMCMCXS	Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul
CNBB	Confederação Nacional dos Bispos do Brasil
DST	Doença Sexualmente Transmissível
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IST	Infecções Sexualmente Transmissível
LGBTIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Intersexo, Assexuais e Mais
MMWR	<i>Morbidity and Mortality Weekly Report</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organizações não Governamentais
POA	Porto Alegre
PRP	Partido da Representação Popular
RBS	Rede Sul de Comunicação
RS	Rio Grande do Sul
SIDA	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
SUS	Sistema Único de Saúde
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. CORPOS REPATOLOGIZADOS EM VIVÊNCIAS ESTIGMATIZADAS	21
2.1 A NARRATIVA DO HIV-AIDS E DA HOMOSSEXUALIDADE	24
2.1.1 Metáforas do mal	29
3. A CONSTRUÇÃO DO HIV-AIDS NO JORNAL PIONEIRO	34
3.1 O HIV-AIDS NA TERRITORIALIDADE CAXIENSE: O “VÍRUS ENTRE NÓS”	41
4. TODOS NÓS PENSAMOS EM UM FUTURO: A VIVÊNCIA DE CAXIENSES COM HIV-AIDS	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICE A – Detalhamento das edições que compõem o inventário de fontes históricas	80
APÊNDICE B – Tematizações de reportagens com referência ao hiv-aids	82

1. INTRODUÇÃO

Entender a História cultural e de produções de discursos do hiv-aids¹ vai muito além de meramente captar uma história epistemológica. Necessariamente precisamos identificar todos os marcadores fabricados no imaginário cultural em relação ao doente e à doença. Este itinerário é sublinhado por diferentes fatores que estigmatizaram as vivências. Com esse propósito, esta monografia de Trabalho de Conclusão de Curso pretende analisar o estigma do hiv-aids e o discurso produzido pelo jornal *Pioneiro* de Caxias do Sul-RS.

Como problema de pesquisa, desejamos contextualizar como os discursos foram fabricados no imaginário da sociedade para estabelecer uma vinculação de estigmatização com a pessoa vivendo com hiv-aids? Como ocorreu a associação entre hiv-aids e a homossexualidade? De que modo ocorreu o nexo entre hiv-aids e a narrativa conservadora da comunidade científica, igreja e meios de comunicação motivadas por uma moralidade? Existe um silêncio da historiografia em relação ao hiv-aids? Deste modo, qualificamos entre as hipóteses que o discurso conservador elegeu o corpo homossexual por excelência como o “legítimo” detentor do hiv-aids como um castigo; o jornal *Pioneiro* reproduziu um discurso de pânico moral em suas reportagens para informar a população caxiense; o hiv-aids como um caminho “científico” para repatologizar tudo que não enquadrava na heteronormatividade.

O objetivo geral deste trabalho é problematizar a relação estigmatizante do hiv-aids fabricadas no jornal *Pioneiro* entre os anos de 1983 e 1996. Elegemos como objetivos específicos, compreender a associação entre hiv-aids e homossexualidade e a noção problemática de “grupo de risco”; especificar o vocabulário de guerra quando se trata de hiv-aids; identificar os marcadores sociais reproduzidos no jornal *Pioneiro* na cobertura do hiv-aids na temporalidade do estudo; exemplificar como o

¹ O “*Guia de terminologia da UNAIDS*” (2017), recomenda evitar equívocos no uso separado de hiv e de aids sempre que houver a possibilidade, lembrando que a maioria das pessoas vivendo com hiv não tem aids. Entretanto, por ser uma monografia que analisou o discurso dos meios de comunicação, não conseguiremos fazer a separação dos termos porque no jornal *Pioneiro* em diversas vezes não ocorreram especificações. Deste modo, escolhemos escrever “hiv-aids” com letra minúscula igualmente a Richard Miskolc e Larissa Pelúcio (2009, p.127) que justificam a escolha como “[...] uma perspectiva crítica em relação ao pânico sexual criado em torno da aids.” e Atilio Butturi Junior (2019, p.638) contextualiza que “O gesto é o da memória dos primeiros militantes brasileiros, que pretendiam indicar a força da resistência no modo de inscrever as palavras.”. Nas citações curtas e longas respeitamos a escrita dos autores e não alteraremos.

discurso moral representado por cientistas, médicos, igreja, políticos operaram diante da epidemia do hiv-aids; refletir as (re)sistências de caxienses vivendo com hiv-aids.

Para elaboração desta monografia utilizamos como fontes as reportagens, entrevistas e colunas presentes no jornal *Pioneiro* de Caxias do Sul. Os marcos temporais desta pesquisa estão entre 1983, quando surgem as primeiras menções ao hiv-aids no jornal, até 1996, momento no qual, o Sistema Único de Saúde (SUS) começou a fazer a distribuição gratuita de medicamentos para o tratamento do hiv.

Para Pelizzaro (2016), o contexto pós-guerra e conseqüentemente o aparecimento de novas indústrias na cidade de Caxias do Sul favoreceu o surgimento de novos jornais. Conforme Pozenato e Giron (2004), o jornal *Pioneiro* foi criado em 1948, por componentes da antiga Ação Integralista que se tornaria o Partido da Representação Popular (PRP) com forte apelo contra o comunismo. Neste sentido, afirmam que nunca foi uma preocupação do jornal se denominar “neutro” e, as disputas políticas entre integralistas e comunistas (representado pelo jornal *A voz do Povo*), eram de caráter público na cidade. Durante o período da Ditadura Civil Militar, o *Pioneiro* se posicionou de forma conservadora, dando anuência aos militares.

Pozenato e Giron (2004), contextualizam que o *Pioneiro* passou por algumas adaptações, como a mudança de nome em 1980, de *O Pioneiro* para *Pioneiro*. Além disso, em 21 de fevereiro de 1981, o jornal se tornou diário e, a partir desse momento, deixou de ter com característica principal o viés mais partidário, adotando uma postura de jornal comunitário. De acordo com Henrichs (1988), o *Pioneiro* possui em sua origem motivações políticas, mas por necessidades comerciais passou a evitar “[...] que ele fosse apenas um jornal representativo de uma determinada facção política, procurou-se dar a ele uma feição de independência.” (1988, p. 40). Segundo Pozenato e Giron (2004), outra mudança significativa e que impulsionou a modernização do mesmo foi a aquisição do *Pioneiro* pela *Rede Sul de Comunicação* (RBS) em 1993, aumentando a abrangência de 23 para um total de 53 municípios.

As fontes utilizadas para a concretização deste estudo foram retiradas do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul (CMCMCXs). Este Centro é composto por mais de 1 milhão de páginas de documentos digitalizados, contendo os dados dos dois principais arquivos de Caxias do Sul. A pesquisa documental foi feita através de uma investigação direcionada pelas palavras-chave “aids”, “homossexualidade” e “homossexual”, resultando em 1094 edições do jornal *Pioneiro*

que faziam menção ao termo entre 1983 a 1996. Ao longo de aproximadamente um ano, foram averiguadas todas as edições citadas anteriormente, e para melhor adequação da problemática, compõem o inventário cerca de 120 edições selecionadas.

Entender os discursos que marcaram, marginalizaram, estigmatizam os sujeitos, ou colocaram na condição de “aidético”, é de extrema importância, assim identificarmos que muitas vezes a humanidade dessas pessoas foi negada. O município de Caxias do Sul é extremamente carente em produção historiográfica com relação à temática LGBTIA+ e, neste aspecto, estudar a estigmatização de pessoas vivendo com hiv-aids é de notória importância para diminuir preconceitos e compreender o processo de assujeitamento.

Elaborando o levantamento trabalhos já publicados para a revisão de literatura, surgiram algumas questões epistemológicas. Em um primeiro momento, buscamos entender os motivos da carência historiográfica em produzir sobre as experiências de pessoas que vivem ou viveram com o hiv-aids. Em contraposição, outras disciplinas das Ciências Humanas são riquíssimas no referencial teórico. O hiv-aids tem uma historicidade cultural, e é composto por conjunto de discursos, significações e estigmatizações. Neste sentido, é impossível pesquisar o hiv-aids dentro de uma perspectiva das humanidades sem entender a construção narrativa epidêmica que associou o hiv com a homossexualidade.

Elias Ferreira Veras e Joana Maria Pedro, em 2014, escreveram o artigo, “*Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil*” e colocaram em cena a produção de História sobre as homossexualidades. Questionam se “Estaria a história “saindo do armário”?” (2014, p. 3). No decorrer do texto, percebeu-se que, aos poucos, a historiografia está incorporando em suas epistemologias as vivências de LGBTIA+. Se a produção historiográfica está começando a visibilizar novos sujeitos, com diferentes temáticas de pesquisa, não estaria na hora da História pensar com mais profundidade o hiv-aids e o processo de estigmatização? Conforme Veras e Pedro (2014, p. 15) “Quebrar esse silêncio significa fazer uma releitura das fontes utilizadas nas narrativas históricas, bem como realizar uma crítica ao fazer historiográfico tradicional.”.

Na sequência, iremos apresentar alguns autores(as) que trabalharam o hiv-aids como objeto de estudo. Alguns focalizaram mais o processo de construção do estigma da epidemia e, outros, problematizaram a relação entre hiv-aids e imprensa.

O antropólogo Richard Parker possui um conjunto de textos em que centralizou a problemática do hiv-aids e as sexualidades. Entre suas obras destacam-se: “*A Construção da Solidariedade: AIDS, Sexualidade e Política no Brasil.*”, de 1994. Neste trabalho o autor buscou estabelecer a construção cultural do hiv-aids na territorialidade brasileira e como esta influenciou/impactou as sexualidades fora da heteronormatividade. No ano de 2002, escreve o livro, “*Na Contramão da Aids: Sexualidade, Intervenção, Política*”, um conjunto de artigos que procuram identificar as respostas políticas diante do hiv-aids.

Entre os trabalhos escritos por Richard Parker em conjunto com outros autores, são de notabilidade para a realização desta pesquisa, “*AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas*”, (2018) com Herbert Daniel. Na obra, é perceptível as reações sociais, culturais e políticas em decorrência da epidemia e os desafios para “des-homossexualizar”. Em 2001, escreve com Peter Aggleton, “*Estigma, Discriminação e Aids*”, um aprofundamento da formulação teórica de Erving Goffman para pensar o processo de estigmatização e discriminação em relação ao hiv-aids. De maneira geral, a partir de um conjunto de referenciais teóricos, os autores fazem as conexões e entre estigma e aids. Richard Parker com Jane Galvão organizaram em 1996, “*Quebrando o Silêncio: Mulheres e Aids no Brasil*” que abordou em uma série de artigos a questão do hiv-aids nas mulheres.

A antropóloga Larissa Pelúcio dedicou suas pesquisas a problematização do hiv-aids. No mestrado, em 2002, “*ONGs/Aids e Estado: conflito e parceria*”, centralizou seu texto na atuação das ONGs junto ao Estado. Já no doutorado, em 2007, “*Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS*”, estabeleceu seu objeto de estudo no modelo preventivo aos IST/aids² destinado às travestis na espacialidade de São Paulo. Neste sentido, buscou analisar os discursos oficiais e como estes circulavam entre as travestis, fazendo conexões entre sexualidade, gênero e saúde. A autora também publicou em 2007 um artigo, “*Ativismo Soropositivo: A Politização da Aids*” em que buscou

² “A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passou a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas” (MINISTÉRIO DA SAÚDE)

investigar a desvinculação e ruptura do discurso hiv-aids do ambiente médico e privado para o discurso político.

Néstor Perlongher foi um dos pioneiros em analisar o hiv-aids a partir da categoria de dispositivo de Foucault no seu livro *“O que é AIDS”*, de 1987. Larissa Pelúcio e Richard Miskolci também operam com o conceito de dispositivo e escreveram em 2009 o artigo, *“A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes”*. Os autores visualizam no hiv-aids uma repatologização de todas as sexualidades que estavam “na margem”. Os discursos de associação entre o hiv e a homossexualidade foram determinantes para a História cultural e ainda se conservam no cotidiano. Esse artigo foi fundamental para nortear a elaboração desta monografia, e a partir dele, nos apropriamos de termos como “repatologização”.

A partir da releitura de *“Doença como metáfora”* (1984), Susan Sontag publica em 1989, *“AIDS e suas metáforas”* e neste ensaio, procurou estabelecer as metáforas discursivas em torno da aids. Para a autora, muitas vezes o conjunto de metáforas que se criam ao redor de patologias podem ser tão danosas quanto a própria doença. Deste modo, assemelhar a aids com “praga” ou vincular o hiv como punição aos excessos, fez com que pessoas vivendo com hiv-aids se sentissem culpadas e com vergonha.

Arthur Kalichman, em 1994, publicou o artigo, *“Pauperização e Banalização de uma Epidemia”* e identificou os elementos da pauperização e a construção de “grupos de risco” da epidemia com uma pesquisa empírica na cidade de São Paulo. A psicóloga Vera Paiva, em 1992, escreveu um capítulo denominado, *“Os Simbolismos da Aids: alteridade e cidadania”* em que buscava contextualizar a produção do estigma entre aids e homossexualidade. Assim, o hiv é caracterizado como um marcador tornando determinados grupos sociais “cientificamente” perigosos.

Michael Pollak, em 1990, publicou *“Os Homossexuais e a Aids: sociologia de uma epidemia”*, que tem como objeto central a relação dos homossexuais com o hiv-aids. Num primeiro momento, apresenta as fronteiras que diferenciam a homossexualidade e a heterossexualidade. Além disso, foi contextualizado a reação dos homossexuais, tanto na individualidade quanto na coletividade, diante da epidemia. Assim, mostrou a relação entre especialistas e pessoas vivendo com hiv-

aids, a construção discursiva que condicionou a homossexualidade ao “grupo de risco” e os meios de informação de massa.

Fernando Seffner possui um conjunto de textos relacionados ao hiv-aids. Em sua dissertação de mestrado, de 1995, *“O jeito de levar a vida: histórias de vida de soropositivos”*, buscou compreender quais as restrições que uma pessoa vivendo com o hiv-aids passa a ter desde que é informada da patologia. Analisou também a construção narrativa da aids como sinônimo de morte, trabalhando os conceitos de “morte anunciada” e “morte civil”. O pesquisador também já problematizou o hiv-aids na obra *“Respostas religiosas à AIDS no Brasil: impressões de pesquisa”* (2009), *“Dinâmicas entre catolicismo e AIDS: processos de reprodução, transformação e (in)formação”* (2011), *“Presença religiosa nas políticas públicas de enfrentamento à aids no brasil: um estudo de caso”* (2012).

Júlio Assis Simões, em seu artigo de 2018, *“Gerações, mudanças e continuidades na experiência social da homossexualidade masculina e da epidemia de Hiv-Aids”*, tratou da experiência de homossexuais de diferentes gerações com a aids. Neste sentido, observou os homossexuais que acompanharam o surgimento da epidemia a datar dos anos de 1980 e os homossexuais que já vivenciaram a efetivação das terapias antirretrovirais, apresentando a diferenciação entre a “velha aids” e a “nova aids”. Carlos do Valle escreveu, *“Pessoas Vivendo com HIV e AIDS”*, em que, a partir de um conjunto de intersecções, analisa a formação de identidades a partir do hiv-aids, considerando inicialmente os aspectos sociais.

Dilene Raimundo do Nascimento possui um conjunto de textos dedicados a problemática do hiv-aids. Em 1997 publicou o artigo, *“A face visível da Aids”* e abordou principalmente a estética das propagandas de prevenção ao hiv. Em outro artigo, de 1998, *“A construção de si: uma narrativa em torno da experiência da AIDS”*, buscou analisar a obra literária de Hervé Guibert *“Para o amigo que não me salvou a vida”*, mostrando como o autor narrou sua experiência vivendo com o hiv-aids.

Em 2005, no artigo *“Narrativa autobiográfica: A experiência do adoecimento por Aids”*, Dilene Nascimento voltou a problematizar a ideia de experiência e representação em textos autobiográficos. No mesmo ano, a pesquisadora publica *“As pestes do século XX. Tuberculose e Aids no Brasil: uma história comparada”*. Neste sentido, a tuberculose e a aids são analisadas como um fator cultural e não apenas pelo viés patológico. Deste modo, é perceptível o processo de construção de estigmas

sobre os corpos, com possíveis aproximações entre as duas epidemias. Assim, leva em consideração o imaginário cultural, científico e as respostas promovidas pelo Estado e pela sociedade civil.

Jane Galvão, em sua dissertação de mestrado, de 1992, “*AIDS e imprensa: um estudo de antropologia social*”, tem como fonte o *Jornal do Brasil* entre os anos de 1981 e 1990. Na pesquisa, buscou identificar a construção cultural e o conjunto discursivo que se criou entorno da aids e das pessoas vivendo com hiv. A partir de sua tese de doutorado, publica o livro, “*AIDS no Brasil: a agenda de construção de uma epidemia*”, em 2000. Jane Galvão centrou a obra em três pontos principais, sendo o primeiro as respostas de brasileiros, principalmente aqueles vinculados a ONGs. Em seguida, as respostas das instituições e, por último, as mudanças de paradigmas, levando em consideração o pânico moral e econômico. A pesquisa se concentra entre os anos de 1981, ano que a aids ganha notoriedade no Brasil e 1996, em decorrência da XI Conferência Internacional da aids de Vancouver e a distribuição de medicamentos para o tratamento pelo SUS.

A dissertação “*Nós e o que falavam de nós: subjetividades e discursos jornalísticos – hiv/aids em Criciúma (1986-1996)*”, escrita por Adilio Luiz da Silveira Neto buscou analisar um conjunto de narrativas mobilizadas em dois jornais de Criciúma, o *Jornal da Manhã* e o *Tribuna Criciumense*. Além de problematizar a articulação entre o discurso médico e o religioso, utilizou-se de fonte oral, por meio de entrevista com pessoa vivendo com o hiv-aids na temporalidade da pesquisa. O autor concentrou-se em três eixos: a construção discursiva do hiv-aids e o enquadramento de “grupos de risco”; o hiv-aids na espacialidade de Criciúma; a utilização de fonte oral com pessoas com o hiv que vivenciaram o contexto de 1986 a 1996.

Mary Spink, Benedito Medrado, Vera M. Menegon, Jorge Lyra, Helena Lima, escreveram em 2001 o artigo, “*A construção da AIDS-notícia*”, em que buscam compreender a fabricação da narrativa de quatro grandes jornais impressos do Brasil. O texto tem como temporalidade de análise os meses de junho a dezembro 1996. É interessante observar a diferenciação entre os conceitos de “pauta quente” e “pauta fria” na natureza midiática. Antônio Fausto Neto, em seu livro de 1999, “*Comunicação e Mídia Impressa: Estudos sobre a AIDS*”, analisa quatro jornais e como suas respectivas reportagens abordaram hiv-aids entre os anos de 1983 e 1995.

Paulo César Castro escreveu em 2005 o artigo “*A enunciação midiática da sexualidade a partir da Aids: os discursos de Veja e IstoÉ nas décadas de 1980 e 1990*” em que procurou identificar como as duas principais revistas semanais do país produziam suas reportagens e suas narrativas referente ao hiv-aids. Assim, faz a conexão entre homossexualidade, heterossexualidade e doença. O autor buscou compreender, a partir dos discursos publicados pelas revistas, quem eram os “autorizados” a falar sobre o tema. A dissertação de mestrado de Adriana Machado Simões, de 1997, “*A representação social da AIDS construída a partir das informações veiculadas nos jornais diários: análise da cobertura sobre Aids no jornal Estado de Minas*”, buscou principalmente evidenciar como o jornal fez a cobertura referente ao hiv-aids de 1984 a 1995, traçando as representações sociais e científicas.

Esta monografia de Trabalho de Conclusão de Curso é estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo, “*Corpos repatologizados em vivências estigmatizadas*”, apresentaremos uma reflexão teórica a partir da evidência da epidemia do hiv-aids nos anos de 1980. Deste modo, discutiremos que a comunidade científica se utilizou da moralidade para oferecer uma explicação com a categorização do chamado “grupo de risco” e expondo a falsa imparcialidade da linguagem médica. O objeto principal deste capítulo é contextualizar a construção narrativa de associação do hiv-aids e com a homossexualidade. Assim, abordaremos conceito de estigma e sua aplicabilidade no hiv-aids revelando as tensões de uma epidemia que ocasionou o pânico moral. Na parte final analisaremos a problemática em torno da criação de metáforas para explicar doenças e um comparativo discursivo entre tuberculose e hiv-aids como a representação de um mal.

No segundo capítulo, “*A construção do hiv-aids no jornal Pioneiro*”, perceberemos parte da cobertura do jornal *Pioneiro* entre 1983 a 1996 sobre hiv-aids. Deste modo, de formas distintas o jornal impulsionou o debate sobre sexualidades dentro de uma lógica epidêmica para a sociedade caxiense. Identificaremos que muitas matérias do período são caracterizadas por sensacionalismo e contêm desinformações. Observaremos como a noção de marginalidade foi associada ao hiv-aids e como o discurso conservador produziu “sentidos” para a doença. Analisaremos que o hiv-aids foi adentrando o cotidiano dos caxienses em escalas. Primeiramente os casos nas colunas internacionais, posteriormente no território brasileiro, no RS e por fim, em Caxias do Sul. A partir disso, na segunda sessão apresentaremos os

casos de hiv-aids no espaço caxiense. Verificaremos o medo da exposição ao hiv-aids, as ações violentas de autoridades de saúde e a estigmatização do hiv-aids presente em almanaques de esporte e de curiosidades. Também apontaremos os discursos do jornal ocupado em qualificar um inimigo em comum e enxergar neste “outro” as ameaças. Por fim, as dificuldades de pessoas vivendo com hiv-aids em conseguir leitos e a falta de estrutura na cidade.

No terceiro capítulo, *“Todos nós pensamos em um futuro: a vivência de caxienses com hiv-aids”*, evidenciaremos a experiência de caxienses vivendo com o hiv-aids por meio de entrevistas obtidas pelo jornal *Pioneiro*. Assim, discutiremos a configuração da identidade do “aidético” articulado com os conceitos de “morte civil” e “morte anunciada”. Do mesmo modo, discutiremos a discriminação de pessoas vivendo com hiv-aids e as violências simbólicas. Apresentaremos os sentimentos de rejeição, as resistências, o medo, a importância do afeto e o acolhimento por membros da família. Como o objetivo principal desta monografia é problematizar a relação estigmatizante do hiv-aids, na maioria das vezes optamos em não mencionar nominalmente as pessoas com discursos problemáticos localizados no jornal *Pioneiro*. De forma oposta, no último capítulo citamos o primeiro nome das pessoas vivendo com hiv-aids em respeito à coragem delas em conceder entrevistas em contexto extremamente discriminatório.

2. CORPOS REPATOLOGIZADOS EM VIVÊNCIAS ESTIGMATIZADAS

*Os olhos dos dois tornaram a se cruzar. Tão raro. Nas ruas, nos ônibus, nos elevadores. Você me reconhece? E por me reconhecer, tem medo? A peste que nos acusam.*³

No primeiro capítulo desejamos contextualizar os elementos principais da evidência da epidemia hiv na conjuntura mundial e brasileira. Problematizaremos o conceito de estigma e sua aplicabilidade em relação ao hiv-aids. Do mesmo modo, analisaremos a criação do termo “grupo de risco” pela comunidade científica e como contribuiu de forma significativa para a estigmatização. Por fim, um comparativo com a epidemia de tuberculose no início do século XX. Neste sentido, buscaremos conectar os conceitos com a construção discursiva de uma associação entre homossexualidade e hiv-aids.

No começo dos anos 1980, de acordo com Dilene Raimundo do Nascimento (2005), foi revelado ao mundo uma nova patologia que pouco se conhecia, a *Acquired Immunodeficiency Syndrome* – aids⁴. Conforme ela, constam como primeiro registro oficial o artigo divulgado pela revista *Morbidity and Mortality Weekly Report* — MMWR em junho de 1981⁵. Assim, pronunciavam que cinco jovens homossexuais, sem qualquer histórico de imunodeficiência apresentavam um quadro de *Pneumocystis carinii*⁶, além de outras doenças. A homossexualidade foi evidenciada neste editorial, associando o estilo de vida à doença. Com notórias considerações do *Centers for Disease Controls* — CDC⁷, “[...] recomendava-se aos médicos que considerassem a pneumonia por *Pneumocystis carinii* como diagnóstico diferencial em homossexuais masculinos com dispneia e pneumonia.” (NASCIMENTO, 2005, p. 81)⁸.

A comunidade científica muitas vezes se utilizou da moralidade para oferecer explicações sobre o hiv-aids. Conforme Nascimento (2005), em 1981 os artigos presentes em revistas como a *Lancet*, *New England Journal of Medicine* e MMWR,

³ (ABREU, 1991, p.125)

⁴ “A AIDS – a primeira doença importante a receber uma sigla como nome – não tem, por assim dizer fronteiras naturais. Trata-se uma doença cuja identidade foi construída para fins de investigação, tendo em mente as atividades de tabulação e observação das autoridades sanitárias e outras.” (SONTAG, 1989, p. 35)

⁵ Boletim oficial produzido pelo Centers for Disease Controls

⁶ “O *Pneumocystis carinii* foi recentemente reclassificado por análise genômica como um fungo. É uma infecção oportunista em imunocomprometidos, sobretudo naqueles com AIDS [...]” (BARRA, Luiz *et al*, 2000, np)

⁷ Departamento americano especializado em saúde pública, entre suas funções estão o tratamento das doenças infecciosas.

⁸ Dispneia trata-se da sensação de falta de ar.

erroneamente e, cheios de equívocos, chamavam a aids de “Câncer gay”, “Síndrome Gay”, “Pneumonia Gay” e “*Gay Related Immunodeficiency Deficiency*”. Somente em 1982 foi classificada oficialmente como *Acquired Immunodeficiency Syndrome* — aids. De acordo com a autora, se primeiramente o público acadêmico foi informado pela revista científica MMWR, a grande massa, tomou conhecimento através do cronista Laurence Altman do *New York Times* em julho de 1981. A partir desse momento, a aids definitivamente entraria no cotidiano das pessoas no qual, inicialmente, ciência e meios de comunicação associavam o hiv-aids com a homossexualidade.

Para Nascimento (2005, p. 83), “A identificação clínica da Aids ocorreu primeiramente nos EUA, onde logo, e quase exclusivamente, os homossexuais masculinos foram categorizados como grupo de risco”. Michael Pollak (1990), contribuiu no debate sobre a utilização do termo “grupo de risco”. O autor contextualizou que, desde os primeiros casos, já se propagava entre a comunidade científica uma associação entre hiv-aids e grupos socialmente demarcados, antes mesmo de estudos de maior profundidade. Conforme o autor, o CDC passou, a partir de 1981, a analisar o “estilo de vida” dos homossexuais, estabelecendo um nexo entre promiscuidade, uso de drogas e prática do sexo anal como um “cofator”.

Segundo Pollak (1990), para o CDC, através de pesquisas restritas e insuficientes, o chamado “grupo de risco” era composto por homossexuais, pessoas que usavam drogas injetáveis e haitianos. Evidentemente ocorreram reações por parte de representantes destas identidades e, em 1984, a CDC retirou da lista haitianos em decorrência de pressão da comunidade do Haiti, enquanto organizações homossexuais foram desconsideradas e ignoradas. Neste sentido, podemos observar que a “[...] noção de “grupo de riscos”, resultado aparentemente de técnicas estáticas neutras, é igualmente atribuível ao poder de negociação e pressão de que dispõem os grupos assim designado [...]” (POLLAK, 1990, p. 123).

Para Silva (2007), a Epidemiologia foi uma das grandes responsáveis por categorizar o chamado “grupo de risco”. Neste sentido possibilitou que “o olhar médico se voltasse uma vez mais sobre determinadas sexualidades, justamente aquelas que têm sido historicamente classificadas como desviantes, promíscuas e perigosas.” (SILVA, 2007, p.129). A autora defende que com a epidemia do hiv, um conjunto de mecanismos de caráter higienista foram elaborados para prevenção, tornando assim o indivíduo responsável pelo uso de seu corpo.

A vigilância epidemiológica, sob esse aspecto, não seria mais externa, nem proveniente do aparelho estatal de saúde, mas estaria instalada no interior mesmo dos grupos, principalmente daqueles considerados “vulneráveis”. Isso se daria por meio da promoção de “programas educativos” e “de conscientização política”, que dizem respeito não somente à divulgação de informações sobre a doença, mas almejam a mudança de comportamento dos grupos populacionais que estariam “em risco”, ou teriam “comportamentos de risco”. (SILVA, 2007, p. 131)

Marcelo Bessa (1997), questionou em seu texto a neutralidade científica na construção narrativa do hiv-aids. Neste aspecto, buscou frisar que o factual do hiv-aids é composto por “[...] dados que não são, necessariamente científicos, mas que partem de considerações socioculturais de certo e errado, de posições etnocêntricas e completamente ignorantes a respeito da sexualidade [...]” (BESSA, 1997, p.26). Para o autor, no caso da epidemia do hiv é sempre necessário questionar a falsa imparcialidade da linguagem médica, caso contrário, estaríamos oferecendo anuência.

Na conjuntura brasileira, conforme Daniel e Parker (2018), o hiv-aids surgiu e revelou um Brasil que não enfrentava suas questões de saúde pública e os autores classificam a aids como uma doença moderna. Entre os entraves para produzir respostas estão problemas econômicos e assim priorizava-se doenças com maior temporalidade no território brasileiro deste modo, a epidemia do hiv ficou em segundo plano.

Segundo Nascimento (2005), o aparecimento do hiv no Brasil coincide com o fim da Ditadura Civil Militar e a transição para a democracia. Neste contexto, “[...] a sociedade brasileira experimenta, nos grandes centros urbanos, a emergência de movimentos sociais autônomos.” (NASCIMENTO, 2005, p. 126). Esses movimentos contribuíram para a mobilização diversos segmentos de saúde, moradia, educação, emancipação, terra e direitos civis. O artigo número 196 da Constituição de 1988 assegurou “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário” (BRASIL, 2016, p.118).

Jane Galvão (2000), em sua análise, acredita na existência de três fases em respostas à epidemia no Brasil. Os anos entre 1981 a 1984 foram caracterizados pelo conhecimento de casos de hiv-aids. Para a autora, num primeiro momento, o brasileiro obteve compreensão da existência do hiv-aids principalmente pelos meios de informação que reproduziam notícias de agências dos Estados Unidos. Assim, “Muito

antes que muitos brasileiros tenham tido qualquer contato direto com a doença já circulavam concepções dela que tomaram formas complexas e frequentemente contraditórias” (DANIEL; PARKER, 2018, p. 17). Para Galvão (2000), em 1983 o hiv deixou de ser algo apenas “estrangeiro” com os primeiros casos na cidade de São Paulo. A associação entre hiv-aids e homossexualidade era regra na mídia, mesclando preconceitos presentes no pensamento popular com teorias “científicas”. Ainda conforme esta autora, a segunda fase é temporalizada entre os anos de 1985 a 1991 e trata-se de um período de fundação das primeiras organizações com propósito de ajudar as pessoas vivendo com hiv-aids e fornecer informações corretas como tentativa de diminuição de estigmas. Segundo ela, a terceira fase situa-se de 1991 a 1996 e é marcada por maior atuação dos poderes públicos com destaque para o “Projeto de Controle de AIDS e DST” de 1992, recursos remetidos para organizações da sociedade civil e o acesso gratuito pelo SUS de medicamentos para o tratamento do hiv-aids com terapia combinada de antirretrovirais.

2.1 A NARRATIVA DO HIV-AIDS E DA HOMOSSEXUALIDADE

Para adentrarmos na problemática principal deste capítulo é de fundamental importância contextualizar o conceito de estigma e sua aplicabilidade no hiv-aids. Tomamos como ponto de partida, Erving Goffman (1981) em sua obra, “*Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*” em que o autor menciona que as sociedades constituem maneiras de enquadrar as pessoas em categorias. Deste modo, ocorre a naturalização de singularidades em que o sujeito é representado a partir da categoria a qual foi designado e geralmente os responsáveis por essa categorização são os ambientes sociais do sujeito. O autor faz uma analogia com as situações cotidianas, observando por exemplo, que quando nos deparamos com “estranhos”, procuramos imediatamente categorizá-los a partir de sua identidade social.

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: Construimos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso

discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original. (GOFFMAN, 1981, p. 8)

De acordo com Goffman (1981), quando os sujeitos não podem ser enquadrados em uma categoria em que a maioria se encontra, ou melhor, numa “normalidade”, tornamos eles diferentes, diminuídos ou seres pouco desejáveis. Em aspectos gerais, o conceito de estigma de Goffman ajuda a compreender como determinadas atitudes, determinados grupos são referenciados de forma depreciativa, marcando um processo de assujeitamento. Conforme Parker e Aggleton (2001), a formulação teórica de Goffman é importante para inicialmente pensarmos a estigmatização em relação ao hiv-aids. Entretanto, para os autores, muitos pesquisadores baseados em Goffman direcionaram o estigma como algo estático, cultuado de forma individualizante. Deste modo, a “[...] leitura do trabalho de Goffman poderia sugerir que, como conceito formal, a estigmatização capta mais uma relação de desvalorização do que um atributo fixo” (PARKER; AGGLETON, 2001, p. 11). Assim, se tratando de hiv-aids e estigmatização, precisamos ter um olhar atento para perceber que o estigma não deve ser observado como um processo estático, mas sim, uma construção cultural com transformações permanentes.

De acordo com Parker e Aggleton (2001), a relação de estigmatização com o hiv-aids opera principalmente ao redor de 4 eixos: estigma em relação à sexualidade; estigma em relação ao gênero; estigma em relação à raça ou etnia; estigma em relações e divisões de classe. Para os autores, é necessário ressaltar que os 4 eixos de estigmatização já existiam anteriormente ao hiv-aids, com maior ou menor intensidade. Assim, “[...] outras formas de rotulação e estigma descritas acima, elas tornaram-se entrelaçadas em uma nova teia de significados relacionando HIV e AIDS aos mecanismos de poder [...]”. (PARKER; AGGLETON, 2001, p. 22).

Para compreender com maior profundidade a construção discursiva da associação entre hiv-aids e homossexualidade, precisamos mobilizar alguns componentes históricos. De acordo com Miskolci e Pelúcio (2009), uma das grandes conquistas políticas e sociais do movimento LGBTIA+ foi a retirada da homossexualidade como patologia. Em 1973 a homossexualidade deixou de ser considerada transtorno pela Associação Psiquiatria Americana e, no ano seguinte, pela Associação Americana de Psicologia. Passados mais de dez anos, em 1984, a Associação Brasileira de Psiquiatria e, em 1985, o Conselho Federal de

Psicologia, fizeram o mesmo. Por fim, no ano de 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou da lista internacional de doenças.

Conforme Miskolci e Pelúcio (2009), devemos observar a epidemia do hiv sob a ótica da geração pós-1968 e a Revolução Sexual. Para os autores, os sujeitos estavam sentindo os efeitos de experimentações e descobertas de novos prazeres. Ao mesmo tempo, houve uma série de conquistas para o movimento LGBTIA+ e aumento da sua visibilidade. Nesta lógica, “No limite, a aids constituída como DST foi a resposta médico-moralizante à geração 1968, ao “desbunde” e à Revolução Sexual.” (MISKOLCI; PELÚCIO, 2009, p.136).

Silva (2007, p. 140) expõe que o hiv-aids representou tensões, “[...] levando diversos setores da sociedade a formularem discursos sobre o tema: os médicos, a mídia, a igreja católica, os ativistas, setores dos governos [...]”. Para a autora, no momento que entrou nos lares e no cotidiano das pessoas, a primeira associação fabricada foi com relação à homossexualidade. Neste sentido, Trevisan (2018, p. 407), narrou sua experiência em se deparar com um grafite no banheiro público na década de 1980 com os seguintes dizeres “Se quiser comer cu de bixa, primeiro faça seguro de vida”. Deste modo, Silva (2007, p. 125-126) observa:

Os discursos midiáticos, referendados no (parco) saber médico sobre a doença, instituíaam no senso comum a ideia de que quanto mais “respeitável moralmente” fosse a pessoa – leia-se praticante do “bom sexo” –, menos risco ela correria. Assim, no seu início, a aids estava marcada por um tipo de sexualidade: a homossexual; por um viés de raça: a negra e a latina; e por um gênero: o masculino.

Bessa (1997) lembrou que a equação discursiva que enquadra a homossexualidade como doença não é algo novo, problematizando a existência do termo “homossexualismo”. De acordo com o autor, a narrativa médico-moralizante associava homossexualidade com promiscuidade e “somente” os promíscuos eram expostos ao hiv. Portanto, homossexualidade equivalente a hiv-aids. Em termos centrais, Miskolci e Pelúcio (2009) utilizaram o termo “repatologização” para contextualizar que a epidemia do hiv determinou a repatologização de todas as sexualidades divergentes à heteronormatividade. Segundo Miskolci (2017, p. 48), a heteronormatividade se configura como “[...] ordem social do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe através de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe a norma de gênero.”. Deste modo, a partir destes dois conceitos averiguamos:

A compreensão desta forma contemporânea de ordenar, classificar e controlar a sexualidade exige retomar o modo como as autoridades de saúde pública reagiram à emergência da epidemia de HIV-aids construindo a doença como sexualmente transmissível, o que permitiu que – por meios agnósticos e “científicos” – se mantivesse a crença em um antagonismo originário entre o desejo e a ordem social. Isto se deu pela eleição do homoerotismo como a grande ameaça, de forma que – por meio de sua associação com um vírus mortal – assistimos à criação do maior pânico sexual da história contemporânea. (MISKOLCI; PELÚCIO, 2009, p. 131)

Parker e Aggleton (2001), defendem que o estigma em relação à sexualidade é visualmente o mais perceptível no imaginário cultural. A associação entre hiv-aids como uma doença sexualmente transmissível impactou diretamente os sujeitos que tinham vivências sexuais dissidentes à heteronormatividade. Como já mencionado, a evidência da epidemia da hiv coincide com uma série de modificações sociais. Para Miskolci e Pelúcio (2009), os discursos ao redor das sexualidades foram movimentados na tentativa de fortalecer a heteronormatividade, que constantemente soube demarcar com *status* de doença tudo que não se enquadrava no modelo heterossexual.

A associação do HIV e da AIDS à homossexualidade, e depois a outras formas de estigmatização, como a prostituição, a promiscuidade e o desvio sexual (e a diferença sexual), marca mais amplamente toda a história da epidemia e continua a funcionar ainda hoje como o aspecto mais enraizado do estigma, da estigmatização e da discriminação relacionados ao HIV e à AIDS. Esses estigmas que associam o HIV e à AIDS à homossexualidade e a outros “desvios sexuais” são tipicamente tolerados e tacitamente aceitos nas sociedades em todo o mundo. (PARKER; AGGLETON, 2001, p. 20).

Néstor Perlongher (1985, p. 35), um dos pioneiros em analisar o hiv-aids a partir da categoria de dispositivo⁹ de Foucault expõe que “a ameaça da AIDS já transcendeu o sofrimento privado das suas vítimas [...] para se converter num dispositivo de moralização que busca reordenar os corpos e suas paixões.”. Deste modo, o dispositivo do hiv-aids mobilizou o discurso de controle de “corpos perversos”.

Miskolci e Pelúcio (2009, p. 130), baseados em Perlongher também operam com o conceito de dispositivo, argumentando que são um conjunto de discursos que objetiva saber/poder e conseqüentemente, as verdades transformadas em subjetividades: “No caso da aids, são subjetividades marcadas pela culpa e pela impureza, sintetizadas nos seus desejos tomados como ameaçadores da ordem social [...]”.

⁹ “[...] com o termo dispositivo, compreendo uma espécie – por assim dizer – de formação que num certo momento histórico teve como função essencial responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função eminentemente estratégica. [...]” (FOUCAULT *apud* AGAMBEN, 2009, p. 28).

Michel Foucault (2018), em *“História da Sexualidade I”*, demonstrou que o século XIX é marcado pela busca contínua em “caçar” e categorizar sexualidades que se encontravam fora da norma e neste processo, o homossexual passou ser uma “espécie”. A partir disso, “A mecânica do poder que ardorosamente persegue todo esse despropósito só pretende suprimi-lo atribuindo-lhe uma realidade analítica, visível e permanente.” (FOUCAULT, 2018, p. 49). O autor neste raciocínio afirma que não há uma exclusão, mas sim, uma especificação.

Conforme Silva (2007), o homossexual enquadrado como “espécie” é identificado como uma ameaça contra os princípios da família tradicional burguesa. Valendo-se dessa mesma lógica, para a autora o “aidético” é categorizado e enquadrado como “espécie” trazendo como novidade o “[...] deslocamento do controle (que visa disciplinar aqueles que não se enquadram às normas) para a noção de risco, prescindindo que a disciplinarização venha de fora.” (SILVA 2007, p.130).

Para Miskolci e Pelúcio (2009), a homossexualidade foi eleita como um primeiro “bode expiatório” em relação à epidemia do hiv. Consequentemente, essa associação entre o medo, a aids e a homossexualidade foram responsáveis por presenciarmos o surgimento de uma das maiores fobias sexuais da contemporaneidade. De acordo com Butler (2018, p. 228), “Não só a doença é representada como “peste gay”, mas na reação histórica e homofóbica da mídia à doença registra-se a construção tática de uma continuidade entre o status de poluído do homossexual [...]”.

Conforme Sáez (2016), reduzir corpos em “aidéticos” foi a forma que a sociedade ocidental encontrou para expressar sua homofobia enrustida. Miskolci e Pelúcio (2009, p. 132) mostraram a procura exaustiva em achar uma “origem” do hiv “[...] revela muito sobre as fantasias e os medos de uma cosmologia cultural própria do Ocidente. A homossexualidade é o fantasma de uma cultura que se constituiu [...]”. Nesta lógica, Parker e Aggleton (2001, p. 24), argumentam que no início as pessoas observadas nos estudos clínicos eram sujeitos historicamente marginalizados, deste modo, promovendo “Sua continuada estigmatização e opressão, por sua vez, acentuaram sua constante vulnerabilidade, criando o círculo vicioso da estigmatização e discriminação frente ao HIV e à AIDS [...]”.

2.1.1 Metáforas do mal

Susan Sontag buscou compreender a construção de metáforas ao redor do hiv-aids e as tentativas de associar como “peste” e punição aos excessos. Para a autora, diferentemente de outras doenças como o câncer, quando a pessoa descobria que estava vivendo com hiv-aids não ocorriam questionamentos do tipo “Por que eu?”. Há aí uma conexão clara entre vergonha e culpa. Assim, o hiv-aids operou como sinônimo de excesso e a “Metáfora reforça uma interpretação dos olhos clínicos que está longe de ter sido provada [...]” (SONTAG, 1989, p. 35).

Ainda de acordo com ela, as epidemias geralmente foram caracterizadas como “pestes”, perpassando a ideia de castigo, mas nem sempre era algo “vergonhoso”. Entretanto, ocorreram ressignificações ao longo da história, acrescentando o conceito de repulsivo. O processo de criação de metáforas entre a sífilis e hiv-aids seguiram processos semelhantes, pois as duas apareciam como punitivas, repulsivas e que atingiam toda a sociedade, portanto, um castigo individual e coletivo. Assim, a metáfora “[...] permite que a doença seja encarada ao mesmo tempo como um castigo merecido por um grupo de “outros” vulneráveis e como uma doença que potencialmente ameaça a todos.” (SONTAG, 1989, p. 76).

Sontag elaborou uma importante reflexão apontando para a necessidade de olharmos as doenças como doenças e não como metáforas. Deste modo, em relação ao hiv-aids, que acarretou com tal força o sentimento de culpa e vergonha, é fundamental sua desvinculação. Ao mesmo tempo, “[...] para afastar as metáforas, não basta abster-se delas. É necessário desmascará-las, criticá-las, atacá-las, desgastá-las.” (1989, p. 110).

Dilene Nascimento (2005), produziu um estudo comparativo entre a tuberculose (início século XX) e o hiv-aids (final século XX) no Brasil, buscando encontrar uma narrativa além da caracterização patológica das doenças. Segundo a autora, ao analisar a tuberculose e o hiv-aids, precisamos considerar dois aspectos fundamentais, a transmissão e a incurabilidade. Inicialmente, a autora se preocupou em identificar o momento histórico em que a tuberculose passa ser classificada como uma doença infectuosa e não mais hereditária. Um dos primeiros a defender essa tese foi Jean-Antoine Villemin em 1865, não mais questionada com Robert Koch em 1882 quando apresentou seus estudos. Neste sentido, no desfecho do século XIX, sabia-

se as causas, os cuidados e as prevenções com uma política higienista e a saúde era encarada como um problema público e do Estado.

De acordo como Nascimento (2005), no início dos anos 1980, a tuberculose já era uma doença curável enquanto o hiv-aids desarticulou certezas biomédicas. Muitos cientistas acreditavam que, por terem alcançado a cura de uma doença infectuosa, quando surgisse uma próxima, possuiriam todos os recursos suficientes para seu tratamento. Conforme a autora, desde os primeiros casos, o hiv já era considerado um problema de saúde pública diferentemente da tuberculose. A revelação da descoberta do *Mycobacterium tuberculosis*¹⁰ restringiu-se à comunidade científica, enquanto o hiv, além da comunidade científica, cobertura ampla da imprensa mundial.

Nascimento (2005, p. 173) ressalta que por mais as duas epidemias se encontrassem em temporalidades diferentes, necessitamos “[...] levar em conta a polifonia discursiva para lidarmos com o tema da doença, do ponto de vista da representação social.”. Com a tuberculose e o hiv-aids verificou-se uma construção de estigmatização em grupos socialmente demarcados e, deste modo, se produziram as identidades do “tuberculoso” e o “aidético”. Enquanto o primeiro era representado como uma “doença operária” e “flagelo social”, o segundo era visto como “doença homossexual”. Assim,

Nesta medida, onde habita a vontade do encontro com o outro nas formas interditas do gozo, aí, justamente aí, o imaginário social identificará o lugar de todo perigo, a célula de desagregação. “Tuberculoso” e “aidético” realizam, portanto, num primeiro momento, o triunfo da vontade da autopreservação, já que aparecem como expressões singulares de uma trajetória assintótica em relação aos padrões e valores consagrados como ideais socialmente aceitos. A singularização dá-se, deste modo, primeiramente no nível do imaginário social como processo de identificação do “inimigo comum” da sociedade como um todo, reforçando padrões, regras e conceitos de conduta e de avaliação moral do outro. (NASCIMENTO, 2005, p. 132)

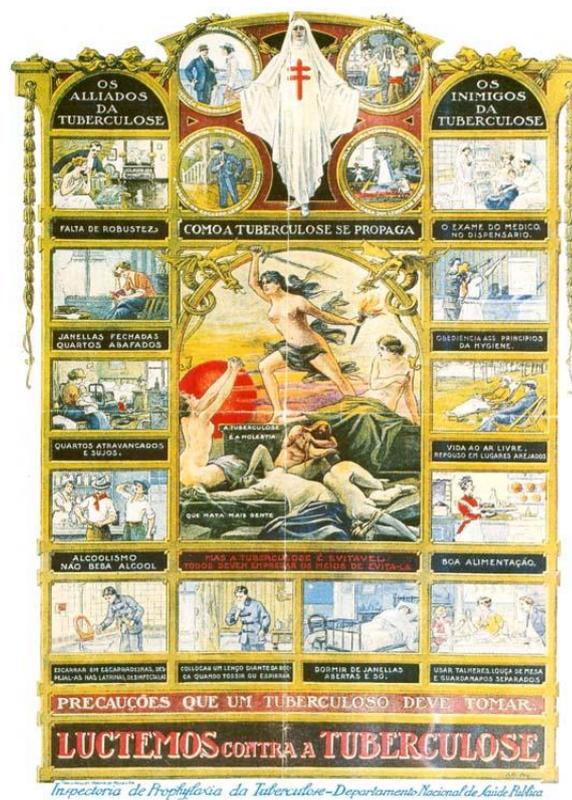
Outra característica em comum das duas doenças é a responsabilização da enfermidade recaindo sobre o indivíduo. No evento da tuberculose, conforme Gonçalves (2000, np) “[...] A culpa, nesse caso, recaía sobre o indivíduo à medida que o adoecimento era consequência dos maus hábitos, das péssimas condições de higiene e de vida.” Em relação ao hiv-aids, Sáez (2016, p. 147) acredita que ela é detentora de uma História cultural que sempre encarregou de culpar a vítima, assim,

¹⁰ Segundo Pereira (2012, p. 14), a tuberculose “[...] tem como agente etiológico o *Mycobacterium tuberculosis*, uma bactéria de fácil transmissão uma vez que os bacilos se propagam pelo ar.”

“[...] coloca a responsabilidade da prevenção e do tratamento exclusivamente nos indivíduos, transferindo para o cidadão a obrigação do Estado sobre a saúde da população.”

A tuberculose e o hiv-aids possuem um rico acervo de produção de linguagem visual que permite analisarmos a representação cultural da doença. Segundo Soares (1994, p. 127), no caso da tuberculose, “Trata-se de um itinerário que nos conduz de uma idealização do mal na figura do doente, representada principalmente sob a forma de ilustrações alegóricas, a uma interferência direta sobre a doença [...]”.

Figura 1– Cartaz da Inspetoria de Profilaxia da tuberculose



Fonte: Brasil/IPT, Acervo COC/Fiocruz, 1920¹¹

De acordo com Soares (1994), o cartaz acima é uma representação do papel da ciência inclinado para a educação da população. Com características iluministas e dicotomia entre bem e mal, a ilustração permite analisarmos situações do cotidiano

¹¹ Disponível em: NASCIMENTO, D. R. As pestes do século XX. **Tuberculose e Aids no Brasil: uma história comparada**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

classificadas como “Os aliados da tuberculose” e “Os inimigos da tuberculose”. Neste cenário, os aliados seriam principalmente a falta de robustez, janelas fechadas e quartos abafados, quartos sujos e alcoolismo. Enquanto como inimigos aparecem a consulta médica, obediência e princípios de higiene, lugares arejados, boa alimentação, uso individual de talheres e usar lenço ao tossir.

Segundo Nascimento (1997), as primeiras campanhas de prevenção ao hiv eram extremamente agressivas e com pouca sensibilidade e, com isso, favoreciam a discriminação das pessoas vivendo com hiv-aids. Conforme a autora, a primeira campanha promovida pelo Ministério da Saúde ocorreu em 1987 com o *slogan* “AIDS, você precisa evitar”. Considerando que os meios de comunicação reproduziram os discursos médico-moralizantes “[...] percebemos que essas mensagens reforçavam a estigmatização do homossexual que, desta forma, corporificava o perigo, a ameaça de morte.” (NASCIMENTO, 2005, p. 148).

Figura 2– Cartaz “AMOR NÃO MATA.”



Fonte: Acervo Fundação Perseu Abramo, [ca.1987]¹²

No cartaz acima, na campanha promovida pelo Ministério da Saúde e pelo Ministério da Previdência e Assistência Social, a frase de maior destaque é “O AMOR

¹² Disponível em: <<https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/amor-nao-mata-local-desconhecido-data-desconhecida>>. Acessado em: 18 fev. 2021.

NÃO MATA.”. No centro da imagem há uma pessoa que vive com hiv-aids deitada em um leito, provavelmente hospitalar, com uma segunda pessoa simbolizando o amparo, que se compadece, lamenta e a tentativa de consolo. No lado esquerdo, um pequeno textinho orientando sobre o uso do preservativo como forma de prevenção. No mesmo lado, na parte inferior, uma etiqueta “AIDS, você precisa saber para evitar”.

No decorrer deste primeiro capítulo, desenvolvemos problematizações que caracterizaram a epidemia do hiv. Na construção narrativa percebemos que a comunidade científica fabricou um discurso moralizante e reproduzido pelos meios de comunicação, associando hiv-aids com a homossexualidade. Com a noção de “grupo de risco”, averiguamos que potencializou a estigmatização de vivências historicamente precarizada pela sociedade. Na mesma forma, captamos a elaboração de metáforas que simbolizavam o hiv-aids como punição e castigo, representando a imagem do mal. Deste modo, além do patológico, o hiv-aids é composto por uma historicidade cultural de enquadramentos e de assujeitamentos.

3. A CONSTRUÇÃO DO HIV-AIDS NO JORNAL PIONEIRO

*Conto para você, porque não sei ser senão pessoal, impudico, e sendo assim preciso te dizer: mudei, embora continue o mesmo. Sei que você compreende. Sei também que, para os outros esse vírus de science fiction só dá em gente maldita.*¹³

A fundamentação teórica no primeiro capítulo evidenciou a construção discursiva do hiv-aids e da homossexualidade. Assim, neste segundo momento, analisaremos como o jornal *Pioneiro* entre 1983 e 1996 noticiou as exposições ao hiv. No decorrer desta narrativa, optamos em escrever um texto não cronológico, problematizando conceitos com amparo das fontes historiográficas. Inicialmente, discutiremos o hiv-aids e a construção midiática de estigma, a representação de “grupo de risco”, a associação com sexualidades e a Igreja Católica. Na sequência, a epidemia hiv na territorialidade caxiense. Segundo Spink *et al.* (1997, p. 852), ao produzir sentidos, os meios de comunicação realizaram duas funções, assim, “[...] a imprensa anunciou o aparecimento de um novo fenômeno no campo da patologia; e, por outro, desenhou progressivamente seus contornos [...]”. Portanto, além de evidenciar como o jornal *Pioneiro* reproduziu as primeiras manifestações, perceberemos a transição discursiva da especialidade científica para a representação cultural do hiv-aids.

A investigação direcionada no Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul (CMCMCXS), resultou em 1094 edições do jornal *Pioneiro*, entre os anos de 1983 e 1996. Fazendo-se um detalhamento por ano, em 1983 com 5 edições; 1984 com 5 edições; 1985 com 52 edições; 1986 com 57 edições; 1987 com 106 edições; 1988 com 75 edições; 1989 com 81 edições; 1990 com 62 edições; 1991 com 80 edições; 1992 com 114 edições; 1993 com 125 edições; 1994 com 116 edições; 1995 com 105 edições; 1996 com 121 edições. Deste modo, ao longo dos 13 anos que contemplam essa monografia, constatou-se aproximadamente uma edição sobre hiv-aids a cada quatro dias. Estabelecendo uma comparação possível, estiveram presentes no jornal *Folha de S. Paulo*, conforme Biancarelli (1997), entre 1987 e 1996, 7074 reportagens, com média de duas matérias por dia.

Segundo Castro (2005, p. 2), “[...] a irrupção da Aids no cenário da década de 1980 transformou-se no agente que tornaria a sexualidade — tradicionalmente

¹³ (ABREU, 2006, p.115).

confinada à privacidade, aos espaços íntimos e fechados — cada vez mais pública.”. Neste sentido, conforme o autor, os meios de comunicação impulsionaram a sociedade para o debate sobre sexualidades em numa lógica epidêmica. Conforme Parker (2018), foi a partir do falecimento do costureiro Markito em 1983, que a mídia deu ênfase à temática hiv-aids, e deste modo, uma série de notícias foram introduzidas no cotidiano brasileiro. Para Trevisan (2018), Markito foi uma grande personalidade da alta-costura e isso gerou inúmeras especulações, dentre elas a de que muitos clientes do costureiro haviam se negado a utilizar as roupas produzidas com medo de uma possível exposição ao hiv. O óbito de Markito foi noticiado no jornal *Pioneiro*, primeiramente fazendo um balanço dos casos no país, com uma narrativa que reproduziu a visão estigmatizante e, em seguida, associando o hiv-aids com homossexualidade, afirmando que era “[...] *mais conhecido como o "câncer gay", doença que vitimou há duas semanas o costureiro Markito*”¹⁴.

Como já mencionado no capítulo anterior, no começo da epidemia do hiv, a comunidade científica foi a primeira responsável por produzir um discurso que associou o hiv-aids com a homossexualidade. Os meios de comunicação, reproduziram esta narrativa, descrevendo como “câncer gay” e assim, contribuíram para a construção de um imaginário cultural, assimilando o hiv-aids como “praga gay”. Identificamos no jornal *Pioneiro* as primeiras utilizações da expressão em 1983, apresentando a aids “[...] *mais conhecido como o "câncer gay [...]"*¹⁵ e “*AIDS ou câncer gay*”¹⁶.

Em uma reportagem do jornal *Pioneiro* se retratou a visita do Secretário da Saúde do Rio Grande do Sul na cidade, e entre as informações noticiadas, seis mortes no estado. O secretário afirmou que “[...] *o vírus da AIDS não tem preferência nas camadas sociais. Quase todos esses óbitos eram homossexuais.*”¹⁷. Ou seja, enquanto que tentou passar uma visão que todos estavam “suscetíveis”, utilizou-se a homossexualidade como marcador cultural. Do mesmo modo, o jornal expressou a opinião dos cientistas franceses David Klatzmann e Jean Brunnet, que trabalhavam na equipe do professor Luc Montagnier, declarando ser necessário “*Acabar com o*

¹⁴ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 15/06/1983, n. 153, p. 4. Acervo: CMCMCXS.

¹⁵ Idem.

¹⁶ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 22/06/1983, n. 158, p. 2. Acervo: CMCMCXS.

¹⁷ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 24/05/1985, n. 392, p. 19. Acervo: CMCMCXS.

pânico que envolve a doença, pois é difícil sua disseminação para grupo de pessoas que não são consideradas de risco”¹⁸.

Mesmo diante das significativas evidências em contrário, entretanto, a visão da AIDS como doença homossexual e todos os estigmas ligados à própria homossexualidade continuaram a ter um grande efeito na modelação da resposta brasileira à epidemia. Mesmo quando se questionou o foco exclusivamente homossexual dado nessa visão inicial, mesmo assim, essa, com sua ênfase definitiva na fundamental marginalidade do doente de AIDS, parece ter servido como uma espécie de modelo para a gradual expansão da epidemia na imaginação popular. Prostitutas, prisioneiros, travestis, crianças de rua, drogadictos, por exemplo, todos tomaram seu lugar ao lado dos homossexuais dentro das imagens conjuradas pela simples menção à AIDS (DANIEL E PARKER, 2018, p. 19)

Diante disso, evidenciamos que a noção de “marginalidade” é condicionada ao hiv-aids, fazendo parte na construção do imaginário cultural. Construiu-se a homossexualidade como característica determinante para “grupo de risco” e em seguida ampliou-se para outros grupos historicamente estigmatizados. Para Daniel e Parker (2018, p. 20), “[...] significações nos quais a marginalidade social é rapidamente traduzida numa série de noções relativas à contaminação, ao contágio e ao perigo.”.

Percebemos no jornal *Pioneiro* a criação de uma categorização, referindo-se que, “*A AIDS ataca principalmente homossexuais, prostitutas e viciados*”¹⁹. Os discursos moralizantes também estiveram presentes no jornal, assim, se afirmou que não haviam motivos para o pânico, pois, nem todos homossexuais estavam propensos ao hiv-aids. Segundo o jornal, somente os “*homossexuais promíscuos*”²⁰ tinham maior probabilidade de exposição, em decorrência dos parceiros sexuais concomitantes e aqueles com condições de higiene precarizada.

Um fator importante de análise são os discursos em torno da exposição ao hiv. Daniel e Parker (2018), afirmaram que, devido ao fato de ser uma doença de caráter infectuoso, verificou-se nas grandes massas populares o risco de exposição ao hiv a partir do contato com outras pessoas. Deste modo, se estabeleceu uma associação de “[...] complexas noções de doença, sujeira ou contaminação e perversão sexual, a AIDS relacionou essa noção de contágio com a transgressão perigosa, implícita em práticas proibidas, como sexo ou uso de drogas.” (DANIEL; PARKER, 2018, p. 20).

¹⁸ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 21/01/1986, n. 52, p. 7. Acervo: CMCMCXS.

¹⁹ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 16/09/1983, n. 220, p. 5. Acervo: CMCMCXS.

²⁰ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 09/10/1984, n. 237, p. 4. Acervo: CMCMCXS.

De acordo com Silveira Neto (2014, p. 68), para o discurso conservador, a assimilação entre hiv-aids e homossexualidade contou com dois propósitos, primeiramente, “[...] para isolar a doença em um determinado grupo, por outro, também servia para diminuir o poder de pressão dos grupos de defesa dos direitos homossexuais.”. Desta forma, preconceito e intolerância como narrativa estigmatizante, produziram “sentidos” para a doença. O jornal *Pioneiro* demonstrou o uso simbólico do hiv-aids como plataforma política e eleitoral. Em uma reportagem, as propostas do candidato classificado como radical para presidência americana, Louie Welch, expunham a ideia de “[...] fuzilar os afeminados para combater a AIDS”²¹. Nesta mesma linha de raciocínio, no ano de 1987, a partir da Lei Municipal n.3725/1987 de Salvador estabeleceu o Grupo Gay da Bahia como Utilidade Pública Municipal. O *Pioneiro* noticiou que a revogação desta lei foi tema de campanha de muitos vereadores conservadores. Como explicação, um dos líderes do movimento afirmou, “Os homossexuais são os principais transmissores da AIDS, precisamos acabar com a oficialização da pederastia em Salvador”²².

Segundo Silveira Neto (2014, p. 68), “A AIDS foi justamente um breque na conquista de muitos direitos pelos homossexuais [...]”. Para o autor, militantes na causa LGBTIA+, além de trabalhar por direitos políticos, neste contexto, precisaram abranger novas pautas e lutar por assistência e tratamento. Deste modo, Miskolci e Pelúcio (2009), com o conceito de “repatologização”, exemplificaram que a narrativa elaborada pela comunidade médica e difundida nos meios de comunicação foi uma retórica conservadora ao pós-1968 e a Revolução Sexual. Em uma coluna de opinião no jornal *Pioneiro*, foi contextualizado que a sociedade estava mais aberta e tolerante para conversar sobre a homossexualidade. Entretanto, “[...] a AIDS e a comentada tolerância recuou até proporções recalcitrantes puritanas”²³. Anos após, noticiando o quadro clínico de Caxias do Sul²⁴, em entrevista, um médico analisou que a associação entre hiv-aids e homossexualidade prejudicou as medidas contra a infecção do hiv. Segundo ele, por ser uma cidade conservadora voltada à “família e religião”²⁵. Na sequência, a reportagem enfatizou os principais riscos de exposição ao

²¹ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 15/01/1986, n. 48, p. 12. Acervo: CMCMCXS.

²² *Pioneiro*. Caxias do Sul. 09/01/1989, n. 4115, p. 3. Acervo: CMCMCXS.

²³ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 04/09/1986, n. 215, p. 16. Acervo: CMCMCXS.

²⁴ Segundo o jornal *Pioneiro*, em 1988 com 2 casos; 1989 com dois 2; 1990 com 2; 1991 com 11 casos.

²⁵ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 11,12/05/1991, n. 4824, p. 62. Acervo: CMCMCXS.

hiv, relacionando-o com a promiscuidade. Neste contexto, a palavra “promiscuidade” é interligada a pessoas que usam drogas e que têm parceiros sexuais concomitantes.

De acordo com Orozco (2005, p. 132), “O surgimento da AIDS possibilitou a oportunidade para muitas religiões retomarem assuntos de caráter moral: sexo-morte, promiscuidade-doença, amor–fidelidade [...]”. Deste modo, conforme Silveira Neto (2014), na evidência da epidemia do hiv, a narrativa religiosa foi centralizada no “castigo divino” como consequência das atitudes desviantes. Para o autor, na compreensão da Igreja Católica, as pessoas sexualmente encontravam-se desfrutando uma vida longe da conduta moral. Assim, o aparecimento do hiv, supostamente seria a resposta de Deus aos pecados humanos. Em edições do jornal *Pioneiro*, as campanhas em relação ao hiv promovidas pelo Estado brasileiro, sempre formam criticadas por membros do clero, motivadas principalmente pela falta do discurso moral e o uso do preservativo. O jornal noticiou a insatisfação do Cardeal e Arcebispo do Rio de Janeiro com as campanhas publicitárias do Ministério da Saúde em relação ao hiv-aids. Segundo ele, não estavam resolvendo o problema pela raiz e se caracterizavam pela “*decadência dos costumes*”²⁶ que “*ia das drogas até a aceitação do homossexualismo como estado normal de vida*”²⁷.

Conforme Orozco (2005), a Igreja Católica é contra ao uso de métodos contraceptivos, visto que, hipoteticamente estaria interferindo na vontade de Deus. Para Silveira Neto (2014, p. 99), a igreja recomendava que “Os governos não deveriam fazer maciços investimentos em campanhas de prevenção que estimulassem o uso do preservativo, pois seria também um estímulo ao sexo casual, fora do casamento”. De acordo com o autor, para o Clero era fundamental que as campanhas em resposta ao hiv promovessem a monogamia e o sexo somente após o matrimônio. A contestação ao uso da camisinha feita por parte de religiosos foi retórica e, em sequências discursivas, o *Pioneiro* evidenciou essa posição. Na reportagem, “*CNBB combate o uso das camisinhas*”²⁸, o vice-presidente da CNBB acreditava que as campanhas de uso do preservativo incentivavam o sexo desenfreado. Do mesmo modo foi narrado o conflito entre o cardeal e arcebispo de Salvador em 1995 com um grupo de homossexuais e trabalhadoras(res) sexuais. De acordo com o jornal, na Sexta-feira Santa, o arcebispo opinou contrário ao uso do

²⁶ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 03/01/1987, n. 306, p. 6. Acervo: CMCMCXs.

²⁷ Idem.

²⁸ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 19,20/01/1994, n. 5678, p. 51. Acervo: CMCMCXs.

preservativo. Para ele, era “*ímoral e um incentivo à promiscuidade*”²⁹ e estava conforme os ideais do papa João Paulo II. Os ativistas organizaram uma manifestação que reuniu cerca de 1000 pessoas para protestar até o Palácio Arquiepiscopal. No mesmo ano foi capa de jornal com a manchete, “*Igreja critica campanha da AIDS*”³⁰.

Figura 3 – Capa “*Igreja critica campanha da AIDS*”



Fonte: Acervo CMCMCXS

A reportagem evidenciou alguns posicionamentos do presidente da CNBB sobre hiv-aids e criticou as campanhas em respostas ao hiv lançadas pelo Ministério da Saúde. Segundo ele, incentivava as relações pré-matrimoniais e o sexo desenfreado e, como sugestão, recomendava acrescentar o “*elemento moral*”³¹. Conforme Orozco (2005, p. 130), “[...] a fidelidade conjugal como um dos valores fundamentais dos(as) cristãos(ãs), o qual deve ser levado em conta sobretudo em

²⁹ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 17/04/1995, n. 6039, p. 5. Acervo: CMCMCXS.

³⁰ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 23,24/09/1995, n. 6175, p. 1. Acervo: CMCMCXS.

³¹ Idem.

tempos de AIDS”. Assim, somente fazer sexo após o casamento e manter-se fiel ao matrimônio como “remédio” para o hiv-aids.

No início deste capítulo, para apresentar as tematizações da abordagem jornalística, mostramos que em muitas reportagens ocorriam intersecções. Com a evidência da epidemia do hiv associada a estigmatização e o seu enquadramento em “grupo de risco”, o discurso produzido pela mídia apontou a prostituição como uma adversidade. De acordo com Silveira Neto (2014, p. 128), a prostituição³² foi caracterizada, “[...] tanto como problema moral para a cidade quanto como centro de irradiação da nova doença. Sendo assim, permitir que [...] continuasse seria também permitir que aids se disseminasse”. Como tentativa de “educação” para o sexo mais seguro por parte dos trabalhadores(ras) sexuais, o jornal *Pioneiro*, noticiou o apelo de um jovem da região metropolitana de Porto Alegre, “vivendo de homossexualismo”³³, diagnosticado com hiv-aids. Segundo sua recomendação, era importante aos “[...] jovens prostitutas para que tenham muito cuidado com as relações homossexuais, pois podem acabar como ele”. Em um tom extremamente agressivo, outra reportagem retratou que um médico de Cuiabá denunciou um grupo de trabalhadores(ras) sexuais por continuarem fazendo sexo sem métodos de proteção. A manchete intitulada “Médico denuncia grupo de aidéticos que tenta disseminar a doença”³⁴.

Segundo Simões (1997), o processo de construção narrativa do hiv-aids é feito com associações a grupos estigmatizados. Assim, a autora elaborou, “Se o doente era o homossexual, o saudável era o heterossexual; se o doente era a prostituta, o saudável seria uma mulher monogâmica; se o doente era o viciado, o saudável seria o não usuário de drogas.” (SIMÕES, 1997, p. 20). Neste sentido, percebemos que o discurso moralizante condicionou o “ser saudável” como o correto e, os “doentes” eram aqueles que se encontravam fora da norma. Outra reportagem do jornal *Pioneiro* ilustrou que o governo britânico fez uma “Campanha contra AIDS”³⁵, com destinação de recursos financeiros. Na notícia foi informado que homossexuais e pessoas que usavam drogas estavam no “grupo de risco”. Acrescentou mencionando a existência de “[...] provas que a doença pode ser transmitida por relações heterossexuais”³⁶.

³² O autor utilizou como fonte o *Jornal Tribuna Criciumense* e analisou a representação social da prostituição e hiv-aids na territorialidade de Criciúma/SC.

³³ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 04/06/1987, n. 433, p. 3. Acervo: CMCMCXS.

³⁴ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 26/11/1987, n. 17, p. 5. Acervo: CMCMCXS.

³⁵ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 22/11/1986, n. 274, p. 6. Acervo: CMCMCXS.

³⁶ Idem.

Portanto, a associação do termo “heterossexual” com hiv-aids, a palavra “prova” foi apresentado como novidade pela narrativa midiática do jornal.

Paulo Castro (2005), analisando as revistas *Veja* e *IstoÉ*, observou que simultaneamente os discursos das edições apresentaram uma dubiedade. Havia o enquadramento do homossexual, com narrativas de qualificação, condenação e aconselhamento de alterações comportamentais e também era manifestada a ideia de perigo de exposição para os heterossexuais. Deste modo, para o autor “[...] A metáfora se estendeu e a região que corre perigo, antes restrita ao corpo biológico do homossexual suscetível à ação do vírus e ao “território dos homossexuais promíscuos”, passa a ser o corpo social e o território dos heterossexuais.” (CASTRO, 2005, p.11).

O jornal *Pioneiro* elaborou reportagem direcionada às mulheres e aos heterossexuais como os maiores “grupos” em que ocorreu o aumento no número de casos de hiv. Entre as falas da médica entrevistada, destacou-se a redução dos casos em homossexuais, pois, “[...] estavam se cuidando muito mais”³⁷. A justificativa encontrada por ela sobre o aumento do hiv entre as mulheres relacionava-se a infidelidade, “São mulheres que foram infectadas por seus próprios parceiros fixos, muitas vezes esses homens são bissexuais ou usuários de drogas injetáveis e elas nem sabem”³⁸. Neste sentido, por mais que a médica tentasse dissociar a sexualidade e o hiv-aids, no momento em que explicou o aumento, além das drogas, fundamentou na possibilidade de ser causada por uma relação homoafetiva. Por fim, em tom otimista acrescentou que o preconceito tende de diminuir, pois, “Ninguém está imune. A AIDS deixou de ser uma doença só de gays e as pessoas vão acabar entendendo isso.”³⁹.

3.1 O HIV-AIDS NA TERRITORIALIDADE CAXIENSE: O “VÍRUS ENTRE NÓS”

Conforme Daniel e Parker (2018), a primeira reação da população em geral foi o pânico generalizado e os meios de comunicação tiveram um grande papel, pois o medo do hiv-aids antecedeu a epidemia no território brasileiro. Matérias sensacionalistas e uma rede de desinformações caracterizaram este período. Ao

³⁷ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 30/11/1994, n. 5920, p. 2. Acervo: CMCMCXS.

³⁸ Idem.

³⁹ Idem.

mesmo tempo, uma população inteira encontrava-se em busca de respostas e de informações. Os autores evidenciam que as primeiras notificações de casos de hiv-aids foram mal recebidas pela opinião pública, inclusive com ações violentas.

O jornal *Pioneiro* fez a primeira reportagem com maior densidade no dia 15 de agosto de 1985 e a capa traz os dizeres chamativos “*Delegacia da Saúde tranquiliza e garante: não há nenhum caso de AIDS na cidade e na região.*”⁴⁰. Percebermos que a palavra “*AIDS*” é maior que o título do jornal.

Figura 4 – Capa do jornal *Pioneiro*



Fonte: Acervo CMCMCXS

Segundo a reportagem, haviam na cidade de Caxias do Sul boatos da existência de casos de hiv-aids e os órgãos responsáveis escondiam. Porém, o delegado regional da Saúde afirmou, “*a AIDS é uma doença de notificação obrigatória.*”⁴¹ e deste modo, não passavam de inverdades. Entretanto, acrescentou

⁴⁰ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 15/08/1985, n. 450, p. 1. Acervo: CMCMCXS.

⁴¹ Idem, p. 23.

que a cidade não se encontrava numa bolha de isolamento e possivelmente iriam surgir casos. O delegado recomendava como forma de prevenção “[...] que as pessoas não variem muito de parceiros. A maior incidência de AIDS se dá em homossexuais. No Brasil registrou-se que, nos casos apresentados, 90% são homossexuais.”⁴². Por fim, visando reforçar seu argumento, o jornal expõe que consultou dois hospitais tradicionais no município e ambos não tinham registrado ocorrência. Em decorrência desses boatos, o jornal *Pioneiro*⁴³ resolveu entrevistar um psiquiatra para explicar efeitos emocionais da doença. Para o psiquiatra, professor na Universidade de Caxias do Sul, o grande alarme em torno do hiv-aids se contextualizou pela novidade e muitas pessoas estavam desenvolvendo os sintomas sem de fato ter.

O medo entorno do hiv-aids legitimou ações violentas do Estado contra grupos já socialmente estigmatizados. De acordo com Daniel e Parker (2018, p. 23), houveram “Ações policiais – contra lugares bem conhecidos de encontro de homossexuais ou [...] contra áreas que servem de ponto para a prostituição de travestis [...]”. As justificativas utilizadas eram num espírito de prevenção da aids. O jornal *Pioneiro* trouxe uma pequena nota intitulada “Nova lorque fecha bar dos gays”⁴⁴ e noticiou que o prefeito da cidade embasava sua decisão na justificativa de que no local estavam acontecendo supostas orgias. Foi interessante observar seu argumento de “salvar vidas humanas”⁴⁵. Logo em seguida a reportagem comentou que, na cidade de Nova York, o hiv-aids assustava.

Para Daniel e Parker (2018, pp. 23-24), o desconhecimento médico em relação a homossexualidade era grande. Quando o paciente estava com uma gripe de ocasião e era homossexual, muitas vezes, os médicos já diagnosticavam como caso de hiv-aids e nem testes eram realizados. Deste modo, homossexuais eram intuitivamente interligados com a aids:

[...] diante de uma falta de compreensão do que é tanto a homossexualidade quanto a AIDS, não apenas o público em geral, mas até mesmo profissionais de saúde, em última instância, adotaram noções preconcebidas e francas fantasias que pouco têm a ver com a realidade, mas que finalmente resultam em assistência e tratamento inadequados. Assim como noções pré-existentes e preconceitos relativos à homossexualidade modelaram o tratamento da AIDS, a estigmatização de outros grupos, reconhecidos como

⁴² *Pioneiro*. Caxias do Sul. 15/08/1985, n. 450, p. 23. Acervo: CMCMCXS.

⁴³ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 17/08/1985, n. 452, p. 17. Acervo: CMCMCXS.

⁴⁴ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 28/11/1985, n. 017, p. 24. Acervo: CMCMCXS.

⁴⁵ Idem.

estando em risco diante da epidemia de HIV, levou frequentemente a várias formas de discriminação.

No jornal *Pioneiro*, a estigmatização do hiv-aids não estava presente somente nos noticiários de saúde, mas sim, nos almanaques de esporte e de curiosidades. Um colunista, além das notícias referentes ao esporte, tinha um espaço dedicado a fazer comentários da vida cotidiana denominado, *“Levando na esportiva”*⁴⁶. Em uma determinada coluna, induziu o leitor a associar aids com homossexualidade. Expôs ele que, a população de Capão da Canoa rejeitava a realização de um congresso homossexual e, como justificava, afirmou que, na opinião da maioria dos moradores, circulava a seguinte expressão: “[...] *aids de nós se isso for realizado aqui...*”⁴⁷. No mesmo sentido, a coluna de *“Curiosidades”*, a manchete anunciava *“Bichanos também pegam AIDS em Washington”*⁴⁸. Ao narrar a notícia sobre a descoberta de um vírus que atacava o sistema imunológico dos felinos, o jornal se valeu de outro trocadilho, *“Não bastassem as “bichas”, também os bichanos podem ser vitimados por um vírus similar ao da AIDS, que os levam em muitos casos a morrer de diversas infecções.”*⁴⁹.

Nesta perspectiva, percebemos que os discursos movimentados são sempre na tentativa de condicionar a ameaça no “outro”, o exterior como metáfora da origem. Helbert Daniel (2018, p. 35), ao encontro desse pensamento afirmara, “[...] não é de que se trata de uma doença de homossexuais ou de marginais, mas a marca da ‘doença do outro’, do estrangeiro ou do estranho”. De acordo com Almeida (2017, p. 66) “As situações de preconceito enfrentadas por soropositivos exemplifica esta necessidade de identificar um inimigo em comum para fortalecer o grupo ao qual se pertence”. Desta forma, a autora defendeu que para uma sociedade conservadora, as pessoas vivendo com hiv-aids foram enquadradas em “inimigos” e simbolizavam a promiscuidade. “A Aids dividiu a sociedade em dois grupos: nós, moralmente e biologicamente saudáveis; eles, moralmente e biologicamente doente” (ALMEIDA, 2017, p. 66).

Em outra reportagem do jornal *Pioneiro*, descreveu-se que o estatuto de determinado edifício de Caxias do Sul proibia, nas suas dependências, a presença de

⁴⁶ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 16/05/1985, n. 386, p. 31. Acervo: CMCMCXS.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 05/03/1987, n. 359, p. 12. Acervo: CMCMCXS.

⁴⁹ Idem.

peças “portadores de moléstias infectocontagiosa ou que sofra com faculdades mentais”⁵⁰. A síndica alegou que tudo “não passou de um equívoco” porque não leu o documento e a principal intenção era coibir a perturbação do sossego após 22 horas. O jornal questionou um médico sobre o assunto e, segundo ele, “Doenças infectocontagiosas [...] difteria, coqueluche, hepatite, herpes, meningite, aids. Distúrbios mentais mais comuns: demência, paranoias, dependência alcoólica, dependência de drogas, homossexualismo”⁵¹. Portanto, embora mesmo tratando-se de um “equívoco”, no estatuto, diferentes “inimigos comuns” foram anunciados e supostamente ameaçavam os indivíduos “saudáveis”.

Conforme Miskolci e Pelúcio (2009, p. 134), aspectos colonialistas foram rememorados em relação a aids, evidenciando no continente africano e no Haiti a origem do nascimento:

Natureza e cultura, barbárie e civilização são pares de oposição classicamente confrontados com intuito explicativo pelo pensamento ocidental moderno e, naquele contexto, cumpriam sua “missão civilizatória”, o que implicava um clamor moralizante na formulação de todo um léxico de culpabilização com forte teor racista, homofóbico e mesmo xenófobo. Daí a preocupação crescente com os fluxos migratórios a partir da década de 1980 que também contribuíram para a estigmatização dos haitianos, tidos em certo momento como aqueles que teriam levado o vírus para os Estados Unidos.

Quando o jornal *Pioneiro* noticiou a primeira morte do estado do Rio Grande do Sul, um especialista sugeriu a hipótese que a pessoa se infectou de hiv em São Paulo pois, segundo ele, “Encontram homossexuais de diversas nacionalidades”⁵². Desta forma, um “outro” com pluralidade de significados como hipótese de justificativa. Assim, conforme Miskolci e Pelúcio (2009, p. 134) “No seu início, a aids estava marcada por um tipo de sexualidade (a homossexual); por um viés de raça/etnia (negritude e latinidade) e por um gênero (o masculino)”. O primeiro óbito gaúcho foi relatado com as seguintes especificações: “Um homem mulato, 40 anos, casado e pai, declarado como homossexual”⁵³. É importante sintetizarmos que, no discurso estigmatizante do hiv-aids, a noção de territorialidade vai além de uma “origem”. Quando se introduziu nos meios de comunicação a informação de maior evidência de amostra com casos em heterossexuais e mulheres, o continente africano passou ser

⁵⁰ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 27/08/1993, n. 5527, p. 23. Acervo: CMCMCXS.

⁵¹ Idem.

⁵² *Pioneiro*. Caxias do Sul. 27/01/1984, n. 59, p. 3. Acervo: CMCMCXS.

⁵³ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 20/01/1984, n. 53, p. 4. Acervo: CMCMCXS.

o “exemplo” de barbárie. Neste sentido, o jornal *Pioneiro* alarmou que “O Brasil corre o risco da “africanização” nos números estatísticos da aids para as mulheres, alerta o médico gaúcho [...]”⁵⁴.

De acordo com Trevisan (2018, p. 397), o ator americano Rock Hudson foi um grande símbolo sexual, “[...] cobiçado por nove em cada dez mulheres do mundo [...]”. A sua morte em decorrência ao hiv-aids causou grande impacto na indústria cultural e nas pessoas em geral. Hudson camuflou o hiv-aids e sua sexualidade. No ano de 1985, o jornal *Pioneiro* dedicou edições para narrar acontecimentos entorno do ator e a primeira reportagem, referiu que o astro americano estava vivendo com hiv-aids e em tratamento. Em seguida, especulou-se a possibilidade de outros artistas terem o diagnóstico de hiv-aids, segundo um “funcionário do grupo do trabalho contra a doença”⁵⁵. Deste modo, contextualizou: “Nos próximos meses sairão a luz o nome de vários atores contaminado com o vírus da AIDS”⁵⁶. A morte do ator foi noticiada com texto informativo das principais atuações e a descoberta da exposição ao hiv em 1984. O rumor sobre sua sexualidade estava presente, “Durante anos circularam rumores acerca de que Hudson - ao contrário de seu papel de amante romântico nas telas - era homossexual. Os rumores circularam de novo ao propagar-se a notícia de que havia contraído a AIDS.”⁵⁷.

O jornal *Pioneiro*, ao anunciar o primeiro caso hiv-aids em Caxias do Sul, traçou o perfil, “Um paulista de 21 anos, homossexual, frequentador de pontos de encontro [...]”⁵⁸. Entretanto, não era um homossexual e sim uma travesti. Neste caso, o jornal misturou orientação sexual com identidade de gênero. Segundo a reportagem, foram feitos dois exames preliminares em Caxias do Sul, verificando a presença de hiv. Contudo, somente dois hospitais no estado do RS eram responsáveis pela comprovação definitiva e isso não havia acontecido porque a travesti “não se apresentou voluntariamente”⁵⁹.

⁵⁴ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 26/10/1992, n. 5371, p. 2. Acervo: CMCMCXS.

⁵⁵ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 03/08/1985, n. 442, p. 2. Acervo: CMCMCXS.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 03/10/1985, n. 485, p. 2. Acervo: CMCMCXS.

⁵⁸ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 14/12/1986, n. 293, p. 79. Acervo: CMCMCXS.

⁵⁹ Idem.

Figura 5 – Capa “O primeiro caso de AIDS em Caxias”



Fonte: Acervo CMCMCXS

O jornal descreveu esse contexto como algo perigoso para o município, no qual, a “[...] travesti permanece na cidade transando com pessoas que o procuram [...] colocando em risco também outras pessoas [...] diante da impotência da Secretaria da Saúde de retirá-lo de circulação para dar-lhe um tratamento adequado”⁶⁰. Na matéria foi narrado que a paciente se encontrava com sífilis, gonorreia e com lesão no ânus e por “pertencer” ao “grupo de alto risco”⁶¹ foi realizado o “exame de investigação da AIDS”⁶². O texto terminou lamentando que “[...] mesmo com a constatação de portadora do vírus da AIDS, gonorreia e sífilis o travesti se mantém em liberdade”⁶³. Um dia após divulgar o primeiro caso de exposição ao hiv em Caxias do Sul, o jornal *Pioneiro*, nomeou a reportagem, “Portador de AIDS pode colocar em

⁶⁰ Respeitando a identidade de gênero é “a procuram”, “retirá-la”, não alteramos a escrita original da fonte. *Pioneiro*. Caxias do Sul. 14/12/1986, n. 293, p. 79. Acervo: CMCMCXS.

⁶¹ Idem.

⁶² Idem.

⁶³ O pronome correto respeitando a identidade de gênero é “a”, não alteramos a escrita original da fonte. Idem.

*risco a saúde de outras pessoas*⁶⁴. O objetivo do texto era buscar explicação sobre a possibilidade de “[...] *deixar ou não o homossexual livre para suas transas* [...]”⁶⁵. Na sequência informaram que, nos parâmetros legais, não existia a possibilidade de obrigar alguém a fazer os exames ou tratamentos. Diante disso, Daniel e Parker (2018, p.25) analisaram que condições pré-existentes conduziram o olhar médico para diferentes maneiras discriminatórias:

Desde o aparecimento da AIDS e sua amplamente noticiada associação com prostituição dos travestis, tornou-se virtualmente impossível encontrar pessoal médico que consinta em participar até mesmo em procedimentos cirúrgicos rotineiros (como uma apendicectomia) em pacientes travestis. Não é à toa, diante de tão extensa discriminação, que muitas e muitas pessoas abandonem o local desesperadas, sem receber a atenção médica de que precisavam. Entre esses grupos estigmatizados, o número de doentes de AIDS que morrem sozinhos em suas casas, sem nenhum atendimento médico, está crescendo tragicamente.⁶⁶

Em edições seguintes, o jornal *Pioneiro*, entrevistou um padre caxiense e um professor de psicologia da UCS buscando entender os motivos que levaram a pessoa, possivelmente vivendo com hiv, a não fazer exames mais aprofundados. Na visão do padre, adepto da teoria do hiv-aids como um castigo pelo abuso das liberdades, o caso deveria ser tratado como questão de saúde pública. Assim, “[...] *a transmissão do vírus da AIDS, através do homossexualismo, se enquadra dentro das consequências do abuso*”⁶⁷. Contraditório, afirmou não ser preconceituoso, já que segundo ele, a homossexualidade era doença para ser tratada. Já para o professor, a pessoa que vivia com o hiv-aids não compareceu para fazer novos exames por medo da publicidade e da discriminação social.

No primeiro capítulo, realizamos uma pequena síntese, visibilizando que hiv-aids e tuberculose possuíam uma representação do mal. Desde modo, no caso do hiv-aids, segundo Hayashi (2018, p. 542), “[...] a atmosfera de diagnóstico de infecção com o HIV na década de 80 parece que sentenciava, necessariamente, o paciente à morte”. O jornal *Pioneiro*, 1987, publicou uma reportagem, amparado pela fotografia⁶⁸ de uma placa na saída da cidade de Canela-RS. Invés da palavra “*Adios*” possuía a descrição “*AIDS*”, neste sentido, construindo o imaginário cultural, igualando aids à

⁶⁴ O pronome correto respeitando a identidade de gênero é “Portadora”. *Pioneiro*. Caxias do Sul. 16/12/1986, n. 294, p. 34. Acervo: CMCMCXS.

⁶⁵ Idem.

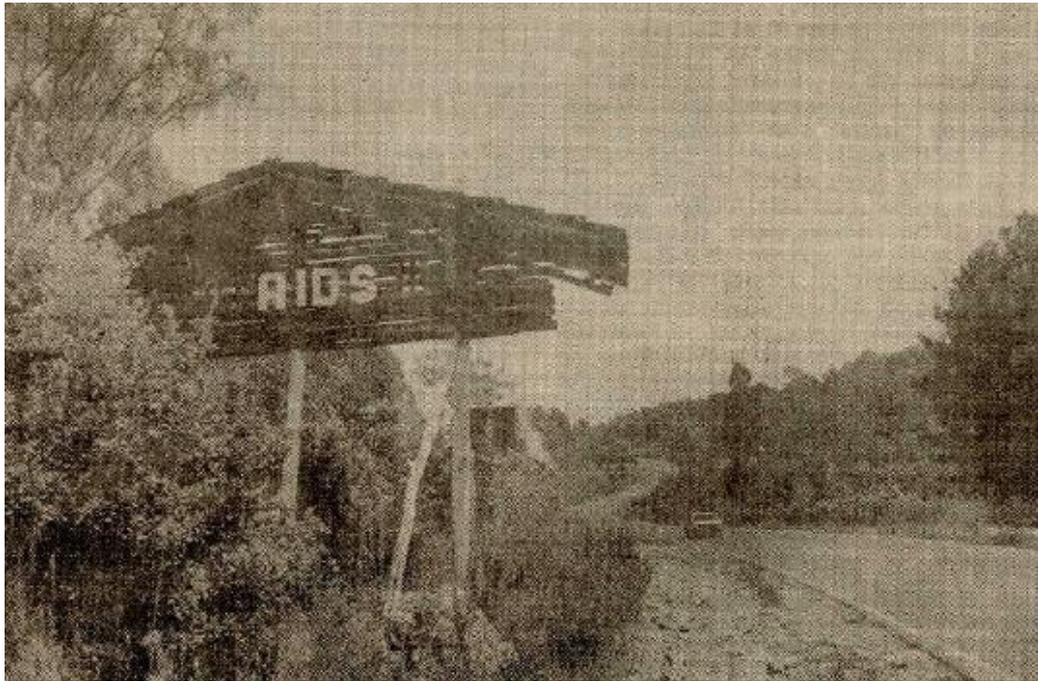
⁶⁶ Respeitando a identidade de gênero é “das travestis”, não alteramos a escrita original da fonte.

⁶⁷ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 17/12/1986, n. 295, p. 22. Acervo: CMCMCXS.

⁶⁸ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 12/03/1987, n. 365, p. 3. Acervo: CMCMCXS.

morte com destino certo. De acordo com Alós (2019, p. 2), “[...] o advento da aids produziu como efeito cultural uma grande familiaridade com a morte e com a precariedade da vida.”.

Figura 6 – Placa na saída de Canela



Fonte: Acervo CMCMCXS

O jornal *Pioneiro* distinguiu o primeiro caso na cidade com o primeiro caxiense. Deste modo, na imagem da capa um túnel estreito, com pouca luz e produz um certo medo andar no corredor. No texto introdutório na capa descreveu “a história do paciente colocam-lo no grupo de risco”.⁶⁹

⁶⁹ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 27/01/1988, n. 59, p. 1. Acervo: CMCMCXS.

Figura 7 – Capa “AIDS: primeiro caso envolvendo um caxiense”



Fonte: Acervo CMCMCXS

Na reportagem, o jornal descreveu que o homem de 24 anos foi “*removido para hospital de Porto Alegre*”⁷⁰, pois Caxias do Sul não possuía “*enfermaria para aidético*”⁷¹. Segundo o texto, a pessoa vivendo com hiv-aids possuía histórico de transfusão de sangue, “*residia fora da cidade e mantinha circulação no Rio de Janeiro e São Paulo*”⁷². Alguns dias depois, o jornal *Pioneiro*, narrou o óbito do caxiense. Assim, a pessoa, “[...] *foi deixado numa ala isolada, para pacientes de alto risco, até a morte.*”⁷³. A notícia não especificou a causa, entretanto, acreditavam que ele estava vivendo com o hiv-aids há quatro anos. Outra informação importante, presente na narrativa, foi a ênfase de que o jovem não morava mais em Caxias do Sul, residindo

⁷⁰ Idem, p. 17.

⁷¹ Idem, p. 17.

⁷² *Pioneiro*. Caxias do Sul. 27/01/1988, n. 59, p. 17. Acervo: CMCMCXS.

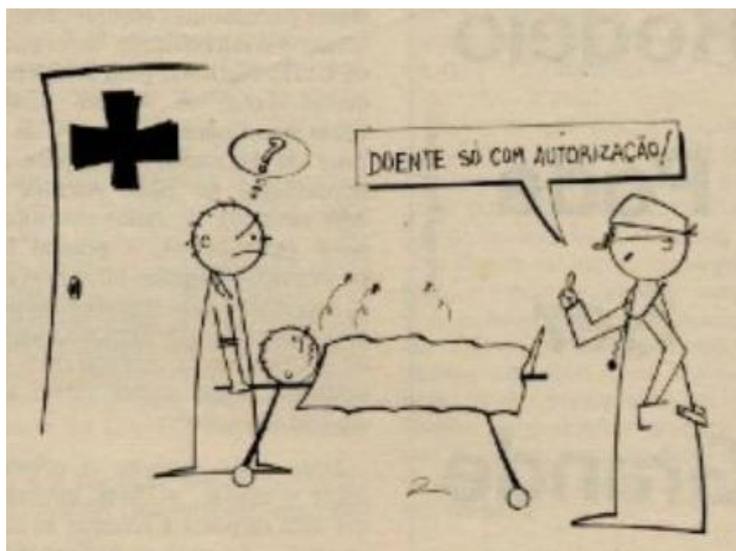
⁷³ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 10/02/1988, n. 69, p. 18. Acervo: CMCMCXS.

principalmente no eixo Rio-São Paulo. Só teria voltado para Caxias do Sul devido a seus familiares e para realizar um tratamento de toxicômano.

De acordo com Daniel e Parker (2018), em centros urbanos, médicos e hospitais recusaram atendimento a pessoas vivendo com hiv-aids. Além do preconceito, faltava estrutura hospitalar e para fazer a ilustração dessas problemáticas, escolhemos duas reportagens. O Jornal *Pioneiro*, repercutiu que “cirurgiões brasileiros estão se recusando operar pacientes portadores da AIDS por medo de contaminação [...]”⁷⁴. O jornal *Pioneiro*, fez em Caxias do Sul uma apuração para verificar a situação hospitalar no município. Assim, “Os hospitais da cidade não têm estrutura adequada para dar atendimento para um paciente de AIDS”⁷⁵. O Hospital Pompeia, respondendo ao questionamento, afirmou que não se enquadrava como situação discriminatória, mas sim falta de preparo por ser uma infecção nova.

Para Daniel e Parker (2018, p.23), pessoas vivendo com hiv-aids não foram aceitos em hospitais e “[...] foram deixados, às vezes, deitados nas entradas de emergência durante horas, enquanto seus parentes tentavam arranjar permissão para que fossem atendidos”. Segundo a reportagem do jornal *Pioneiro*, somente com autorização da diretoria do Hospital Pompeia é que os médicos conseguiam hospitalizar pessoas vivendo com hiv-aids.

Figura 8 – “Doente só com autorização!”



Fonte: Acervo CMCMCXS

⁷⁴ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 21/08/1987, n. 489, p. 6. Acervo: CMCMCXS.

⁷⁵ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 18/12/1986, n. 296, p. 37. Acervo: CMCMCXS.

De acordo com o médico, “*Para ser atendido no Hospital Pompeia, em alguns casos, é preciso ser saudável.*”⁷⁶. Nesta situação, uma pessoa permaneceu nove horas no pronto-socorro aguardando hospitalização, precisando ir para Porto Alegre, na qual, infelizmente faleceu. Logo em seguida, o jornalista opinou, descrevendo que a autorização só reforçava o preconceito e os estigmas com hiv-aids. Dois dias após, no mesmo painel, o Hospital Pompeia forneceu sua “versão oficial”, negando discriminação. Alegou que “*O paciente portador do vírus HIV não internou no Hospital Pompeia por absoluta falta de leitos disponíveis. Em nenhum momento há a necessidade de autorização da Direção do Hospital [...]*”⁷⁷. Por fim, o jornalista comentou que, neste caso específico, com a pessoa vivendo com hiv-aids a falta da hospitalização foi em decorrência da necessidade de autorização da direção do hospital, conforme ele, haviam até testemunhas.

Neste capítulo selecionamos um conjunto de reportagens do jornal *Pioneiro* para historicizar a cobertura discursiva sobre a epidemia do hiv. Deste modo, percebemos a caracterização em “grupos de risco” e a marginalização de grupos historicamente estigmatizados. Evidenciamos os anúncios dos primeiros casos de hiv-aids, a estrutura de Caxias do Sul, a narrativa religiosa e o discurso médico-moralizante que enquadrou as pessoas vivendo com hiv-aids como “inimigas” e simbolizaram ameaça aos caxienses “saudáveis”.

⁷⁶ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 08/03/1993, n. 5382, p. 3. Acervo: CMCMCXS.

⁷⁷ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 10/03/1993, n. 5384, p. 3. Acervo: CMCMCXS.

4. TODOS NÓS PENSAMOS EM UM FUTURO: A VIVÊNCIA DE CAXIENSES COM HIV-AIDS

*A única coisa que posso fazer é escrever — essa é a certeza que te envio, se conseguir passar esta carta para além dos muros. Escuta bem, vou repetir no teu ouvido, muitas vezes: a única coisa que posso fazer é escrever, a única coisa que posso fazer é escrever.*⁷⁸

No segundo capítulo, “*A construção do hiv-aids no jornal Pioneiro*”, priorizamos contextualizar a construção midiática do Jornal *Pioneiro* sobre hiv-aids, principalmente na territorialidade de Caxias do Sul. Apresentamos a narrativa de médicos, da Igreja, de políticos e de colunistas e, notou-se em diversas situações, a relação estigmatizante no discurso do jornal. Neste terceiro capítulo, pretendemos tratar das entrevistas realizadas com pessoas de Caxias do Sul com exposição ao hiv e seus familiares, e que foram publicadas no jornal. Devido ao pequeno número de entrevistas, não vamos abordar unicamente homossexuais, mas sim diferentes vivências temporalizadas nos anos 1990. Optamos por manter o primeiro nome das pessoas em respeito a coragem que tiveram em um contexto bastante discriminatório.

Simões (2018), caracterizou a experiência do hiv em dois processos diferentes: A “velha aids”, “[...] marcada pela certeza da presença da morte na vida das pessoas diagnosticadas com o HIV e pelo esforço de administrar o processo do adoecimento em face dos incertos recursos e controles médicos” (SIMÕES, 2018, p. 333). Deste modo, percebemos que a pessoa vivendo com hiv neste contexto, tinha a sua vivência reduzida para uma “provável” morte em um período próximo. E a “nova aids” qualificada pelos “[...] avanços nas tecnologias de tratamento e prevenção, junto com sua difusão, possibilitaram recolocar em outros termos a associação entre HIV-aids e morte, sem que a morte civil tenha saído do horizonte” (SIMÕES, 2018, p. 333). Assim, mesmo com novas condições, as pessoas vivendo com hiv ainda continuam sendo estigmatizadas e subjugadas. A temporalidade da “velha aids” é desde os primeiros casos até aproximadamente 1996, quando a partir de avanços científicos a “nova aids” assume suas perspectivas. Por consequência, todas as entrevistas que compõem esta monografia estarão enquadradas na “velha aids”.

De acordo com Valle (2002), a representação do hiv-aids na imprensa possuiu diferentes segmentos indenitários. Segundo o autor, o período de 1983 a 1987 é

⁷⁸ (ABREU, 2006, p. 108)

caracterizado pela utilização dos termos “vítima”, “paciente” e “portador” e se reproduziam imagens de pessoas vivendo com hiv-aids em camas hospitalares e com a prescrição médica. A partir de 1987 difunde-se a categoria do “aidético”, deste modo, “[...] o aidético era aquele que tinha passado sobretudo por uma trajetória moralmente condenada. Cabe lembrar os significados associados aos grupos de risco e a ideia central de promiscuidade.” (VALLE, 2000, p. 185). Neste sentido, percebemos que a identidade do “aidético” configurou-se num agrupamento de diferentes vivências estigmatizadas, e a doença sempre está associada a morte.

A História cultural e de produção de discursos do hiv-aids é composta por diferentes reconfigurações. Para Valle (2002, p. 186), entre 1991 e 1992 “A nova face da AIDS revelava que os doentes aprendiam a viver com o mal e retornavam à sua vida social enquanto eram tratados.”. Entretanto, conforme o autor, evidenciamos que os meios de comunicação em nenhum momento pararam de vincular as pessoas vivendo com hiv-aids com a morte provável. Portanto, compreendemos a partir de leitura de Valle (2002), um conjunto de categorizações estabelecendo a representação da pessoa com exposição ao hiv na imprensa. Neste sentido, a estigmatização em relação ao hiv-aids reproduziu uma violência simbólica que se propagou no decorrer dos anos. Encontramos deste modo:

[...] um conjunto de representações da AIDS tem sido estabelecido social e culturalmente por meio de um processo genérico dominante, que tem ajudado a criar uma extensão muito limitada de interpretações possíveis sobre a epidemia. Dentre outras coisas, essas representações têm gerado identificação social em relação à AIDS. Têm papel importante para o processo de construção identitária, na formação de grupos e para os modos nos quais saúde e doença têm sido experimentados (VALLE, 2002, p. 185).

A partir do inventário de fontes para elaboração desta monografia, percebemos que boa parte da cobertura do jornal *Pioneiro* caracterizou o hiv-aids com dados estatísticos, mas, sem rostos e histórias de caxienses. Deste modo, a exposição ao hiv foi materializada principalmente por personalidades da indústria cultural. Encontramos como primeiro registro em forma de entrevista a matéria publicada em 1992, após 6 anos do primeiro caso confirmado em Caxias do Sul. O jornal elaborou uma reportagem com pessoas vivendo com a presença do hiv e a capa trouxe a manchete, “*Caxienses com Aids falam da luta pela sobrevivência*”⁷⁹.

⁷⁹ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 16,17/05/1992, n. 5136, p. 30. Acervo: CMCMCXS.

Nesta edição, o jornal dedicou-se a apresentar dois caxienses. Um dos entrevistados apareceu o nome, com perfil ativista/militante e a outra pessoa mais reservada na condição de anônima. O título da reportagem: *“A nau dos portadores: Caxienses, eles abrem o jogo e contam o que é ter o HIV”*⁸⁰. Logo no início apresentaram a insatisfação de Marcos, um caxiense que já não morava em Caxias do Sul e seu desapontamento era com a impossibilidade de participar de um simpósio sobre o hiv-aids. Segundo as alegações dos organizadores, o evento era reservado para área médica, e ele era professor e artista plástico. Marcos manifestava, em suas obras, sentimentos em relação ao hiv-aids, materializados em mãos que pediam ajuda.

Figura 9 – *“Mãos pedem ajuda”*

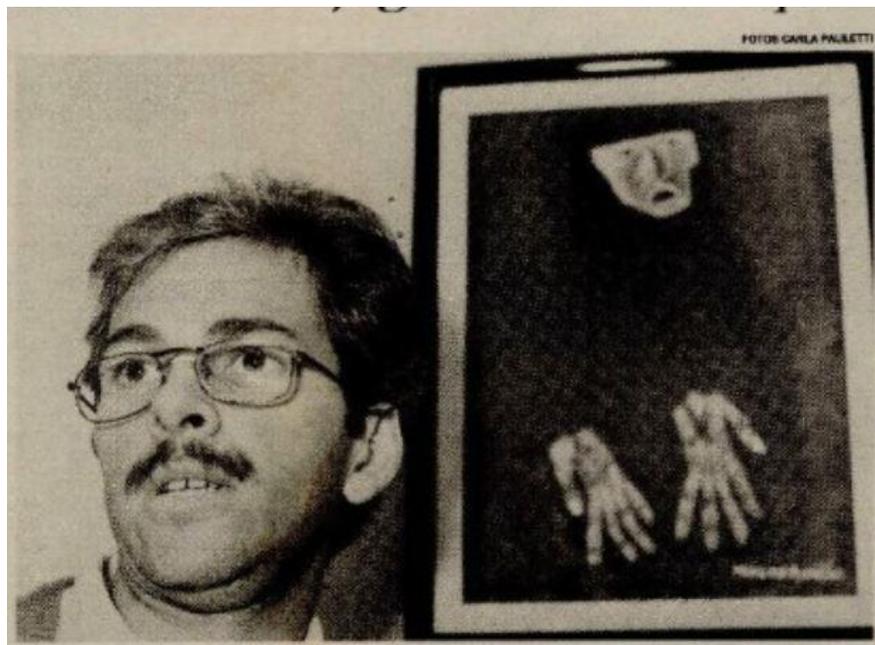


Fonte: Acervo CMCMCXS

⁸⁰ Idem.

Segundo o artista plástico, a partir do momento que passou viver com hiv sua vida mudou radicalmente. Assim, “[...] sua cabeça girava entorno da Aids”⁸¹. Também foi nítido o quão torturante foi passar a informação para seus amigos e familiares. Obteve apoio de sua mãe e irmã pois elas tinham “[...] acordado para determinadas coisas”⁸², aos demais familiares, restou o preconceito. Com um subtítulo bastante infeliz, “*Todos ainda pensam no futuro*”⁸³, o jornal tentou demonstrar a possibilidade de existência e de se pensar em futuro após hiv-aids. Marcos contextualizou que “*Todos nós pensamos em futuro, meu futuro é continuar vivo, vivo e gritando sempre viva à vida. Este é meu projeto de vida.*”⁸⁴.

Figura 10– Marcos



Fonte: Acervo CMCMCXS

Seffner (1995), em sua dissertação contextualizou a utilização do conceito de “morte civil”, sendo este um processo de restrição de direitos e que é articulado por uma “morte anunciada”. Assim, “O indivíduo é considerado pelos outros e por inúmeras instituições como já estando morto, uma vez que sobre ele paira o anúncio de morte a curto prazo.” (SEFFNER, 1995, p.159). Deste modo, percebemos na

⁸¹ Idem.

⁸² Idem.

⁸³ Idem.

⁸⁴ Idem.

reportagem acima, aproximações com esse processo. Marcos reafirmou o tempo todo o seu desejo de (re)existência, desejo o qual, o jornal havia raptado ao julgar Marcos, ou qualquer pessoa vivendo com hiv-aids, com a impossibilidade de ter um futuro e de construir projetos de vida.

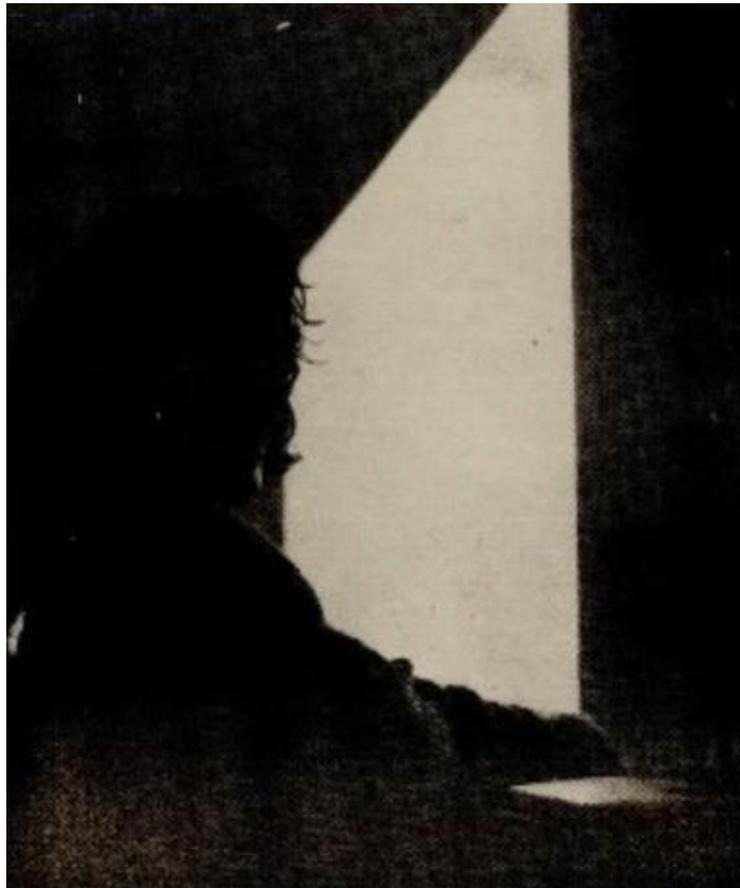
A outra entrevistada optou por aparecer de forma anônima, para preservar sua família. O descontentamento dela com a classe de “especialistas” foi notório:

Os médicos de Caxias do Sul não estão preparados para receber um paciente com o vírus, eles ficam apavorados, querem te ver de longe, te mandam para fora daqui. Minha médica me encaminhou para o Hospital das Clínicas, em Porto Alegre e, isto é muito depressivo. Tu vê lá pacientes no último estágio, é muito baixo astral.⁸⁵

Contextualizou que descobriu que tinha hiv porque tinha o sonho da maternidade e, por ter histórico de uso de drogas, realizou o teste. Assim, perdeu o namorado, amigos e o sonho de ser mãe uma vez que não queria correr o risco de transmitir o vírus para o bebê. Segundo Seffner (1995, p. 166), “A decisão de realizar o exame é uma atitude que implica numa relativa exposição pública do problema da AIDS [...]”. A partir da confirmação, o processo de morte civil se tornou perceptível ao longo da entrevista, mais uma vez a construção discursiva relacionava o hiv-aids com o fim. Além das pessoas tornarem público para indivíduos próximos sobre a exposição ao hiv, as instituições públicas ligadas à saúde geralmente eram notificadas.

⁸⁵ Idem.

Figura 11– Jovem caxiense vivendo com hiv-aids



Fonte: Acervo CMCMCXS

A reportagem apresentou a jovem de 22 anos imersa em uma solidão, potencializada pelo hiv. E narrou o medo dela em colocar em exposição ao hiv outras pessoas pois havia contraído de uma pessoa próxima de seu círculo de convivência. De acordo com Pádua (1986), percebemos três processos com intensidades distintas em se tratando do afastamento social das pessoas vivendo com hiv-aids. Em um primeiro momento o “evitamento”, caracterizado pelo distanciamento em relação ao contado com pessoas com exposição ao hiv, algo “mais sutil”. E, em um segundo momento a “discriminação”, definido como opor-se à igualdade de convivência e por fim, a “segregação” que agrega o processo anterior e ainda indica os limites espaciais.

Almeida (2004) contextualizou que, a discriminação de pessoas vivendo com hiv-aids é tal, que a violência tem potencial de determinar os espaços sociais que sujeito é “autorizado” estar. A partir disso, identificamos que em muitos casos as pessoas, “[...] partilham do mesmo significado em relação à doença, podem já ter internalizado essa discriminação, o que explica a própria auto exclusão e o sentimento

de aceitação desta condição.” (ALMEIDA, 2004, p. 54). Desde modo, percebemos na entrevista dois perfis completamente diferentes, a jovem com um auto isolamento, enquanto Marcos preferiu o ativismo. Conforme Júlio Simões (2018, p. 333), “Foi no enfrentamento da morte civil que as pessoas vivendo com HIV e aids se mobilizaram em defesa de sua vida, dignidade e cidadania”.

Em outra reportagem o jornal *Pioneiro* narrou em forma de entrevista a relação entre mãe e filho vivendo com hiv-aids e classificou a atitude de ambos como “*corajosa e rara*”⁸⁶. Inicialmente, Solange (mãe) apontou que a falta de informação foi a principal responsável pela discriminação. Ao mesmo tempo, confessou que sua maior dor foi a rejeição de familiares e amigos que se afastaram, e disse não entender o motivo de Caxias do Sul ser tão preconceituosa. Seu apelo foi para os familiares que passavam pela mesma situação, que não rejeitassem as pessoas vivendo com hiv-aids. Assim, “*Dar bastante carinho. Fazer com que eles falem, deixá-los em paz com sua consciência. As autoridades precisam fazer campanhas, doar preservativos e, para as pessoas viciadas, seringas*”⁸⁷.

De acordo com Seffner (1995, p. 214), “Dentre os medos que o indivíduo tem quanto às reações dos outros a partir da descoberta, um dos mais importante se refere aos membros da família.”. Segundo o autor, a família representava o principal apoio das pessoas vivendo com hiv-aids, especialmente pai e mãe. Neste sentido, evidenciamos que além do carinho, a família muitas vezes é a grande responsável por ações concretas como hospitalizações e pendências burocráticas. Assim, “Por todos esses motivos, a possibilidade de perda de apoio da família é vista como algo muito problemático e assustador.” (SEFFNER, 1995, p. 215).

⁸⁶ Pioneiro. Caxias do Sul. 13,14/03/1993, n. 5387, p. 57. Acervo: CMCMCXS.

⁸⁷ Idem.

Figura 12– Vicenti e Solange



Fonte: Acervo CMCMCXS

Vicenti, 26 anos, filho de Solange, disse ter contraído hiv com seringa ao fazer uso de drogas. Revelou que, após a descoberta de que estava vivendo com o hiv, precisou ressignificar sua existência e partir para ação concreta, a luta para diminuição de preconceitos. Deste modo, “[...] *era preciso romper o silêncio e incentivar campanhas preventivas*”⁸⁸. Por tornar público sua jornada, expressou que sentia a “gozação” de terceiros, citando o exemplo de quando estava em um rodeio e alguns homens ficavam dizendo que não podiam beber no mesmo copo. O jornal, de forma direta e pouco sensível, perguntou o que ele pensava sobre o futuro e sobre a morte. Respondeu que não pensava muito no dia seguinte, buscava viver uma coisa de cada vez, tentava manter a sua rotina e sempre com os exames em dia. O “emagrecer” apareceu duas vezes na entrevista como um grande problema para o jovem. Sobre morte respondeu:

*Eu ainda não penso na morte. De vez quando ela aparece no pensamento, mas procuro não pensar. Já passei por momentos muito difíceis. Na hora vai ser difícil, o que mais me preocupa é se eu começar a emagrecer. Não sei se vou conseguir chegar nesse estágio. Vou vivendo.*⁸⁹

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Idem.

Conforme Seffner (1995, p. 249), “Um dos sinais mais denunciadores e temidos da AIDS é o emagrecimento. A distância entre a vida e a morte, no limite, pode ser medida por uma diferença de peso também, como um corpo que se vai reduzindo.”. Desta forma, com a confirmação da exposição ao hiv, a pessoa passava observar seu corpo com um olhar mais minucioso e atento para possíveis indicadores. O emagrecimento simbolizava umas das principais personificações estigmatizantes do “aidético”. Assim, conservar o peso representava “ser saudável” e nesta perspectiva, no ano de 1990, a especulação do peso de Cazuza foi assunto no jornal *Pioneiro*. O periódico afirmou que “[...] a família continua negando que cazuza pese 30 quilos”⁹⁰, conforme a família, ele pesava entre 38 e 39 quilos.

Segundo Valle (2002), no Brasil, o artista Cazuza foi a pessoa que os meios de comunicação mais exploraram e materializaram como ilustração do “aidético”. A criticada capa da revista *Veja*, “Cazuza, uma vítima da AIDS agoniza em praça pública” de 1989 inclusive foi comentada pelo jornal *Pioneiro*, afirmando que a revista “[...] manipulou a imagem do cantor com sensacionalismo”⁹¹. Diante destes fatos, percebemos que “A cara de Cazuza definindo-se como a cara da AIDS tornou-se a mais conhecida imagem cultural corporificada de uma vítima da AIDS e, sobretudo, de um aidético.” (VALLE, 2002, p. 185). Assim, compreendemos que uma das principais características dessa representação é simbolizada como a disparidade com relação ao “corpo saudável”.

Na edição seguinte da entrevista de Solange e Vicente, o jornal *Pioneiro* elaborou um editorial intitulado, “Um exemplo que precisa ser seguido”⁹². No texto criticou a falta de estrutura nos quatro hospitais de Caxias do Sul, citando que alguns preferiam transferir para Porto Alegre. Entretanto, mencionou um aspecto comum de todos os hospitais caxienses “[...] de não “lembrarem” o número de aidéticos que já receberam.”⁹³. Revelou que profissionais da saúde tentaram impor uma censura, ao impedir que publicassem a entrevista, enquanto entrevistados aceitaram espontaneamente. Finalizou o editorial reforçando o mérito da reportagem de “Desnudar a doença a partir do depoimento do portador e da sua mãe, revelar como

⁹⁰ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 28/03/1990, n. 4485, p. 12. Acervo: CMCMCXs.

⁹¹ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 29,30/04/1989 a 01/05/1989 n. 4208, p. 33. Acervo: CMCMCXs.

⁹² *Pioneiro*. Caxias do Sul. 15/03/1993, n. 5388, p. 2. Acervo: CMCMCXs.

⁹³ Idem.

*ela pode ser evitada e, sobretudo, exigir campanhas de conscientização e o fim do preconceito.*⁹⁴

Em outra reportagem do jornal *Pioneiro* intitulada, “*Mãe de aids quer montar grupo de apoio*”⁹⁵, a professora Nora (mãe de Luiz), informa que tinha a pretensão de montar um grupo de apoio para cobrar tratamento mais humanizado e acabar com estigmas, bem como reivindicar a medicação gratuita para caxienses. O grupo visava reunir pessoas vivendo com o hiv-aids e seus familiares para ajuda mútua. O jornal entrevistou Luiz que, em suas palavras, enfatizou a importância do acolhimento da sua família e o respeito. Também comentou que muitas pessoas de Caxias do Sul, por medo de represália moral, procuravam tratamentos em outras localidades distantes da cidade. O jornal perguntou acerca da rejeição e Luiz respondeu que, quando descobriu que estava vivendo com hiv morava em Porto Alegre, devido a seu mestrado e que se desvinculou dos trabalhos profissionais em Caxias do Sul. Ele questionou se continuaria com os mesmos vínculos profissionais e como seria a recepção se estivesse na cidade, uma vez que, os antigos colegas de profissão nunca mais procuraram demonstrar afeto. De acordo com Seffner (1995, p. 187), o trabalho “Com a emergência da soropositividade, esta é em geral a primeira atividade na qual o comportamento do indivíduo se modifica de maneira sensível”. Deste modo, conforme o autor, em um contexto com a caracterização de uma “morte anunciada”, esta conduzia as pessoas vivendo com hiv-aids à indagação referente as expectativas em relação ao trabalho.

Sobre a família Luiz narrou:

*O comportamento da minha família, naquele momento, foi de respeito àquele ser que estava enfermo naquele leito hospitalar com a vida ameaçada. E respeito onde respeito àquele ser que estava enfermo naquele leito hospitalar com a vida ameaçada. E respeito num sentido muito amplo: respeito à vida, respeito a dor, ao medo, até mesmo à sorte. Respeito aqui abarca muito mais de que um simples comportamento: é algo que tem a ver com íntimo, com amor mesmo, um amor tão verdadeiro, tão presente, tão vivo, mas normalmente ignorado ou, o que é pior, desconhecido*⁹⁶

De modo geral relatou que foi bem acolhido pela família. A palavra “respeito” estava muito presente em seu discurso e buscou um olhar otimista da situação. Foi

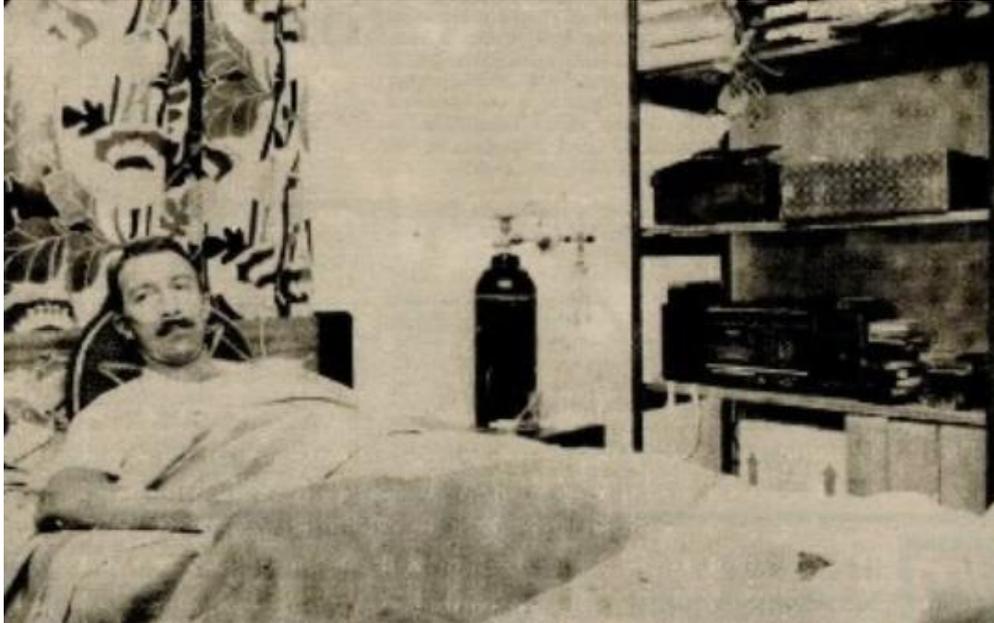
⁹⁴ Idem.

⁹⁵ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 29/03/1993, n. 5400, p. 16. Acervo: CMCMCXS.

⁹⁶ Idem.

evidente a importância do afeto e ter alguém para recorrer e compartilhar as angústias. Por fim, cobrou melhores condições de tratamento.

Figura 13– Luiz



Fonte: Acervo CMCMCXS

O jornal *Pioneiro* noticiou a dificuldade da família de Claudemir para conseguir hospitalização, algo que demorou mais de 60 dias. Conforme familiares, em Caxias do Sul os médicos recusavam atender pessoas vivendo com hiv-aids, alegando falta de alas específicas em hospitais. A família também relatou a negligência de um médico e, em defesa do filho, o pai do médico alegou falta de estrutura e que “*não são obrigados atender aidéticos*”⁹⁷. Por fim, repassou a responsabilidade para a família que deveria ter levado Claudemir para buscar atendimento em Porto Alegre⁹⁸.

⁹⁷ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 05/11/1993, n. 5589, p. 16. Acervo: CMCMCXS.

⁹⁸ Em carta enviada ao jornal *Pioneiro*, o médico defendeu-se da acusação de omissão “[...] o pedido familiar era que fosse fornecido laudo de internação em meu nome para que outro médico prestasse o atendimento, não havendo requisição de meus préstimos profissionais [...] O paciente não se encontrava presente e Caxias dispõe de outros locais de atendimento”. *Pioneiro*. Caxias do Sul. 09/11/1993, n. 5592, p. Acervo: CMCMCXS.

Figura 14– Claudemir no hospital



Fonte: Acervo CMCMCXS

A primeira vez que, no jornal *Pioneiro*, apareceu um entrevistado apresentando-se como homossexual, na condição de anônimo, foi em 1994. Na narrativa a pessoa vivendo com hiv-aids comentou que, quando soube da notícia no hospital, a primeira reação foi o pensamento de suicídio. Segundo ele, “*Quando a doença começa a se manifestar muitas pessoas, mesmo da família se afastaram. A vizinha que antes era simpática, não fala mais comigo. Quando precisa se comunicar, põe bilhetes embaixo da porta*”⁹⁹. Desta forma, conforme Almeida (2004, p. 55), entendemos que “A descoberta da AIDS funda-se neste universo simbólico de exclusão e a pessoa portadora do HIV passa a ser confundida com a própria identidade do sujeito aparentado como aidético.”. Na mesma reportagem, o jornal entrevistou a viúva de uma pessoa que viveu com o hiv-aids. Na condição também de anônima, ela comentou que o esposo fazia o uso de drogas injetáveis e, desde que soube da notícia, passou rever sua vida e aproveitar os momentos “*Você não se prepara para morrer, mas para viver outro tipo de vida [...]*”¹⁰⁰

No jornal *Pioneiro* foi narrado em primeira pessoa o depoimento de João, uma pessoa vivendo com o hiv-aids e que usava drogas injetáveis:

⁹⁹ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 01/12/1994, n. 5921, p. 2. Acervo: CMCMCXS.

¹⁰⁰ Idem.

Quando vi o resultado fiquei desesperado, pensei em me matar. Vi a vida passar na minha frente. A minha família ficou chocada e demorou a aceitar, mas hoje estão me apoiando e são os únicos que sabem da doença. Quando os sintomas começarem, ainda penso em me matar. Não quero ficar numa cama sofrendo, é horrível. Quando penso na morte, que é inevitável, fico ainda mais deprimido. Tento dizer para meus amigos como é importante usar preservativo e ter cuidado com as seringas¹⁰¹.

Um dos primeiros grandes desafios para as pessoas vivendo com hiv-aids era as relações interpessoais. Conforme Silveira Neto (2014, p. 252), é identificado a ocorrência de “[...] rompimento de laços de sociabilidade, principalmente no âmbito familiar e nos círculos de amizades. Muitas vezes, esses laços não se rompiam por completo, havia uma certa solidariedade da família.”. De acordo com Almeida (2004), o preconceito com as pessoas vivendo com hiv-aids fizeram com elas experimentassem um conjunto de emoções, de sofrimento. Assim:

[...] o medo do abandono, de ser julgado e de revelar sua identidade social; a culpa pelo adoecimento; a impotência; a fuga; a clandestinidade, a omissão; o abandono; a exclusão e o suicídio, originados e construídos pelo real convívio com o social que reforça os hábitos e as expectativas que estão profundamente enraizados numa sociedade preconceituosa. (ALMEIDA, 2004, p. 44).

Com o título “*Amor e respeito são indispensáveis*”¹⁰², o jornal *Pioneiro* fez novamente uma entrevista com Nora, que já havia perdido seu filho (Luiz) em decorrência do hiv-aids. Num primeiro momento, Nora afirmou, “*A certeza de ter Aids é a certeza da perda*”¹⁰³. Segundo Seffner (1995, p. 163) o depoimento de pessoas com hiv-aids “[...] permitem verificar a força da relação AIDS = MORTE, funcionando o anúncio da soropositividade como um detonador do processo de morte anunciada.”. Após a morte do seu filho, a entrevistada desenvolveu o voluntariado com pessoas vivendo com hiv-aids e familiares para diminuir estigmas. Também contextualizou que as pessoas tinham receio de perguntar a causa da morte de seu filho. Nesta reportagem foi a primeira vez que Luiz foi identificado como homossexual.

Em uma edição no “*Caderno Especial*”¹⁰⁴, dedicado ao 01 de dezembro, “*Um dia para a esperança de milhões*”¹⁰⁵, o jornal *Pioneiro* fez uma série de reportagens. Em Caxias do Sul aconteceu uma campanha com o slogan, “*Não deixe o vírus do*

¹⁰¹ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 07,08/01/1995, n. 5953, p. 37. Acervo: CMCMCXS.

¹⁰² Idem.

¹⁰³ Idem.

¹⁰⁴ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 30/11/1996, n. 6547, p. 20. Acervo: CMCMCXS.

¹⁰⁵ Idem.

*preconceito invadir seu coração*¹⁰⁶, unindo secretarias e voluntários para passar informações aos caxienses. Fazendo o acompanhamento dos registros, provavelmente esse foi primeiro “*Dia Mundial de Combate à AIDS*”¹⁰⁷ que não ocorreu um descaso com a data¹⁰⁸.

Figura 15 – Campanha de informação ao risco de contrair hiv 01/12/1996



Fonte: Acervo CMCMCXS¹⁰⁹

Na edição, novamente o jornal *Pioneiro* entrevistou Nora, com o título “*Mãe compartilha a dor do filho*”¹¹⁰. O jornal descreveu que nunca foi prioridade para a mãe saber como e quando o filho contraiu hiv e narrou que o filho contou que estava vivendo com o hiv-aids durante uma hospitalização, ao longo do abraço escutou a seguinte pergunta: “*Tu me perdoas, mãe?*”¹¹¹. Ao final, Nora expressou sobre o sentimento de falta do filho e que tinha uma rotina de lembranças e emoções. Segundo Seffner (1995, p. 216), “A progressiva revelação da soropositividade a amigos,

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ Em 1995, o jornal *Pioneiro* criticou os órgãos competentes por não promoverem informações sobre o hiv-aids no dia 1 de dezembro em Caxias do Sul. Na reportagem foi noticiado que oficialmente a cidade possuía 140 casos de pessoas vivendo com o hiv-aids (116 homens e 24 mulheres). *Pioneiro*. Caxias do Sul. 01/12/1995, n. 6235, p. 2-3. Acervo: CMCMCXS.

¹⁰⁹ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 02/12/1996, n. 6548, p. 57. Acervo: CMCMCXS.

¹¹⁰ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 30/11/1996, n. 6547, p. 20. Acervo: CMCMCXS.

¹¹¹ Idem.

parentes, conhecidos próximos ou distantes, acarreta um processo de reelaboração e reconstrução dessas relações.”. O autor elaborou três prerrogativas que as pessoas com exposição ao hiv geralmente caracterizavam o processo da “revelação”. Inicialmente o afastamento de alguns amigos e pessoas próximas, seguindo para um aprofundamento no afeto com pessoas que se aproximaram e, por fim, a construção de novas amizades a partir da experiência do hiv-aids.

Na sequência com o subtítulo, “*Silencio funde-se ao sigilo*”¹¹², o jornal *Pioneiro* começou sua narrativa, “*A AIDS já calou a voz de 55 soropositivos na Serra Gaúcha, quatro milhões de vítimas em todo o mundo*”¹¹³. Para o jornal, o silêncio das pessoas vivendo com hiv-aids foi em decorrência do preconceito e conseqüentemente atrapalhava as estáticas da cidade. A frase citada acima é bem emblemática tratando-se do jornal, uma vez que, ao longo de anos as pessoas vivendo com o hiv-aids foram apenas estatísticas e números. Será mesmo que o hiv-aids calou ou apenas o jornal e a sociedade não estavam dispostos a ouvir?

No decorrer deste capítulo, evidenciamos a partir do discurso produzido pelo no jornal *Pioneiro*, vivências de pessoas com exposição ao hiv. As reportagens que compõem este capítulo foram tomadas por um conjunto de significados. Expressaram o medo, as rejeições, as resistências, a solidão, a importância do afeto e do acolhimento. Infelizmente, encontramos um número restrito de entrevistas de caxienses, mas que foram fundamentais para contextualizar que, em relação ao hiv-aids existe uma infinidade de histórias que estão muito além de dados e estatísticas.

¹¹² Idem

¹¹³ Idem

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta monografia evidenciamos um compilado de elementos que construiu a relação estigmatizante do hiv-aids fabricadas no jornal *Pioneiro* entre os anos de 1983 e 1996. Deste modo, aliados à fundamentação teórica e documentos históricos, percebemos como se caracterizou a associação entre hiv-aids e a noção problemática de “grupo de risco”. Assim, identificamos uma série de marcadores sociais expressos no discurso moralizante e no vocabulário balístico que, de formas distintas, estigmatizaram existências.

No primeiro capítulo, “*Corpos repatologizados em vivências estigmatizadas*”, explicamos alguns conceitos que norteariam a base teórica do trabalho. Deste modo, percebemos que, ao começarem os primeiros casos, se propagou na comunidade científica a associação entre hiv-aids e grupos socialmente estigmatizados, embasados em pesquisas restritas e insuficientes. Assim, é de fundamental importância questionar, na epidemia do hiv, a falsa imparcialidade da linguagem médica que muitas vezes se utilizou de fundamentos conservadores.

Foi indispensável a problematização do termo “estigma” que, em síntese, entendeu-se pela busca em categorizar o diferente, o diminuído e o pouco desejável. A estigmatização sempre apareceu na forma de depreciação do sujeito. No caso do hiv-aids, contextualizamos a existência de quatro eixos de estigmatização, caracterizados por sexualidade, gênero, raça ou etnia e divisões de classe. Deste modo, entendemos que, ideologicamente, o hiv-aids foi um caminho “científico”, e com um viés de “proteção da saúde coletiva” repatologizando tudo que estava fora da heteronormatividade.

Mobilizamos itinerários históricos como a despatologização da homossexualidade e percebemos que a epidemia do hiv foi uma “resposta” moralizante à geração pós-1968 e a Revolução Sexual. Constatamos que o estigma em relação à sexualidade foi mais perceptível na construção da doença no imaginário cultural. Deste modo, esses discursos foram movimentados na tentativa de fortalecer a heteronormatividade equiparando-se o homossexual a hiv-aids, portanto, a homossexualidade novamente encontrou-se patologizada. Verificamos que essa associação foi o agente responsável por presenciarmos o surgimento de uma das maiores fobias sexuais da contemporaneidade. Deste modo, reduzir os corpos a

“aidéticos” foi a maneira que discurso médico, e reproduzido pelos meios de comunicação, encontrou para expressar sua homofobia enrustida.

Na terceira sessão deste primeiro capítulo, abordamos a criação de metáforas sobre hiv-aids e as constantes tentativas em a relacionar com punição e excessos, fazendo conexão entre vergonha e culpa. Assim, realizamos um pequeno comparativo entre a tuberculose no início século XX e o hiv-aids no final deste mesmo século no Brasil. Deste modo, encontramos semelhanças entre as duas doenças com a mesma estigmatização em grupos socialmente demarcados, produzindo a identidade do “tuberculoso” caracterizado como “doença operária” e o “aidético” visto como “doença homossexual”. Outra proximidade foi a responsabilização da enfermidade recaindo sobre os indivíduos.

No segundo capítulo, “*A construção do hiv-aids no jornal Pioneiro*” analisamos um conjunto de reportagens do jornal *Pioneiro* na temporalidade de 1983 a 1996 para identificarmos a construção narrativa sobre o hiv-aids. As fontes históricas foram retiradas do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul. Deste modo, percebemos que o jornal *Pioneiro*, como os demais meios de comunicação, fomentou na sociedade caxiense o debate sobre sexualidades em um sentido epidêmico. Assim, a temática do hiv-aids inicialmente se encontrou nas colunas internacionais, caracterizada como algo “estrangeiro” e, aos poucos, ganhou espaço na narrativa do jornal, chegando assim na realidade brasileira, gaúcha e finalmente caxiense. Em diferentes ocasiões referiu o hiv-aids como “câncer gay”, enquadrando o homossexual como o legítimo pertencente ao “grupo de risco” e, na sequência, ampliou para outros grupos historicamente estigmatizados.

Observamos que o jornal *Pioneiro* reproduziu em sua narrativa o discurso científico e médico-moralizante, caracterizado por elementos morais e dos costumes. Deste modo, possibilitou a construção de um imaginário cultural, assimilando o hiv-aids como uma “praga gay”, aliado com a noção de “marginalidade”. Na produção de sentidos para doença, o jornal múltiplas vezes evidenciou o preconceito e favoreceu a estigmatização de existências. Dentro desta lógica, o assujeitamento de pessoas vivendo com hiv-aids não se localizou somente nos noticiários de saúde, mas sim, nos almanaques de curiosidades e colunas esportivas.

Percebemos no jornal *Pioneiro* a presença da narrativa religiosa, a partir de posicionamentos da CNBB, de bispos, papa, padres. Identificamos dois principais

momentos de tensão. Primeiramente, a igreja fez o uso simbólico do hiv-aids para representar o “castigo divino” como consequência das atitudes desviantes e da “promiscuidade”. Em um segundo momento, a igreja criticou com veemência as campanhas em resposta ao hiv viabilizadas pelo Estado. Assim, diferentes setores narraram que nas campanhas faltava o “elemento moral” para promover a monogamia e o sexo somente após o matrimônio. Neste sentido, os religiosos consideravam a existência de uma única maneira de sexualidade, a heterossexualidade.

Identificamos a partir do jornal *Pioneiro* que, antes mesmo de ter qualquer caso de hiv-aids na cidade de Caxias do Sul, correram uma série de boatos de que entidades governamentais estariam escondendo dados, estabelecendo uma relação de pânico. Observamos que muitas vezes os meios de comunicação nutriram o medo na população com matérias sensacionalistas e tendenciosas. Ao narrar o início de casos de hiv-aids na cidade, o jornal evidenciou a separação do “Primeiro caso de AIDS em Caxias”¹¹⁴ ao “Primeiro caso envolvendo caxiense”¹¹⁵. O discurso jornalístico direcionou o olhar para encontrar a ameaça no “outro”, um “exterior” como metáfora da origem. Assim, primeiramente foi uma paulista que habitava o município e, posteriormente, um caxiense que transitava no eixo Rio-São Paulo.

Percebemos nas reportagens do jornal *Pioneiro*, ao descrever as pessoas vivendo com hiv-aids, o enquadramento delas como “inimigas” do bem comum, o que simbolizava uma ameaça para os caxienses “saudáveis”. Da mesma forma, observamos o desconhecimento médico em Caxias do Sul, que muitas vezes reproduzia o discurso estigmatizante e favoreceriam o preconceito. No município de Caxias do Sul, como nas demais cidades do país, identificamos a recusa de médicos e hospitais ao atendimento de pessoas vivendo com hiv-aids. Deste modo, além de discriminação, o jornal evidenciou a falta de estrutura hospitalar para oferecer condições dignas de tratamento.

No terceiro capítulo, “*Todos nós pensamos em um futuro: a vivência de caxienses com hiv-aids*”, evidenciamos a experiência do hiv de pessoas que concederam entrevistas ao jornal *Pioneiro* no processo caracterizado pela historiografia como “velha aids”. Neste contexto, o diagnóstico de hiv-aids reduzia a jornada do sujeito para uma “provável” morte em um período próximo. Observamos

¹¹⁴ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 14/12/1986, n. 293, p. 1. Acervo: CMCMCXS.

¹¹⁵ *Pioneiro*. Caxias do Sul. 27/01/1988, n. 59, p. 1. Acervo: CMCMCXS.

que os meios de comunicação representaram as pessoas vivendo com hiv-aids entre 1983 a 1987 com os termos “vítima”, “paciente” e “portador”, e com imagens de pessoas em camas hospitalares. A partir de 1987, começou a se configurar a construção discursiva da identidade do “aidético”, com diferentes formas de estigmatização e a doença sempre vinculada à morte. A narrativa do jornal *Pioneiro* apresentou, por muito tempo, informações relacionadas à temática, algumas delas distorcidas, opiniões de diferentes setores da sociedade e dados estatísticos. Entretanto, um discurso sem rostos e sem histórias de caxienses em que, as únicas pessoas que aparecem durante boa parte da cobertura, eram as personalidades da indústria cultural.

Encontramos os primeiros registros de entrevistas a partir da década de 1990 e de maneira geral, localizamos a utilização do conceito de “morte civil” nas reportagens do jornal *Pioneiro*. As entrevistas possuem um conjunto de significados, testemunhando o medo, as rejeições, as resistências e a importância do acolhimento. Assim, as pessoas vivendo com hiv-aids precisavam reafirmar constantemente o desejo ter um futuro e de construir projetos de vida, projeto este muitas vezes raptado por parte da narrativa do jornal. Da mesma forma, identificamos processos de afastamento social caracterizados pelo “evitamento”, “discriminação” e a “segregação”. A estigmatização destas existências foi de tal violência que, de formas distintas, determinou os espaços sociais “autorizados” para ocupar. Assim, alguns entrevistados escolheram o lado ativista enquanto outros, infelizmente, restou a solidão e o isolamento.

Percebemos nas entrevistas do jornal *Pioneiro* a importância do acolhimento por parte da família, potencializado principalmente na figura materna. Foram as mães, junto com seus filhos, que contextualizaram a experiência com o hiv-aids. Além do afeto, encontramos na família o comprometimento com ações concretas como hospitalizações, resolução de pendências burocráticas e a luta política para cobrar tratamento mais humanizado e diminuir os estigmas.

Observamos nas entrevistas que as pessoas vivendo com hiv-aids demonstravam medo do emagrecimento. O “emagrecer” representava deixar de “ser saudável” e passar a ter/sofrer o estigma do “aidético”. Deste modo, dentro do universo simbólico da exclusão, qualquer indicação no espaço público que “denunciasse” a presença do hiv causava pânico. Identificamos como obstáculo para

as pessoas vivendo com hiv-aids, as relações interpessoais e o quão torturante foi fazer o “anúncio” da soropositividade. Muitas vezes esse processo representou o rompimento de laços, entretanto, no itinerário da “revelação”, ocorreu o aprofundamento do afeto com pessoas próximas e, a possibilidade de edificação de novas amizades a partir da experiência do hiv-aids.

Com os elementos apresentados no decorrer desta monografia, analisamos que o hiv-aids é detentor de uma historicidade construída socialmente. Além de uma história epistemológica, os discursos produzidos pela comunidade científica e reproduzidos pelos meios de comunicação, marcaram sujeitos, marginalizaram, estigmatizam ou colocaram na condição de “aidético”. Deste modo, acreditamos que a relação de pânico da sociedade com o hiv-aids foi de tal proporção porque o vírus e a doença indicaram a existência de um “outro”, e de um conjunto de vivências e problemas sociais que muitos até então optavam em ignorar: a desigualdade de classe, o uso de drogas, a imigração e LGBTIA+.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Pequenas Epifanias**: crônicas 1986-1995. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

ABREU, Caio Fernando. **Triângulo das águas**. São Paulo: Siciliano, 1991.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

ALMEIDA, Maria Rita de Cassia Barreto de. **A trajetória silenciosa de pessoas portadoras do hiv contada pela história oral**. 2004. 173 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <<http://www.ppgenf.ufpr.br/Disserta%C3%A7%C3%A3oAlmeida.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2021.

ALMEIDA, Marília de Almeida e. **A representação social das pessoas vivendo com HIV/AIDS na mídia impressa**. 2017. 163 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-984QZF?locale=en>>. Acesso em: 19. Mar. 2021

ALÓS, Anselmo Peres. Corpo infectado / corpus infectado: aids, narrativa e metáforas oportunistas. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 27, n. 3, e57771, 2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2019000300205&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 de março de 2021.

BARRA, Luiz Alberto Costa et al. Pneumonia por "Pneumocystis carinii": forma tumoral. **J. Pneumologia**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 149-152, jun. 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-35862000000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 16 fev. 2021.

BESSA, Marcelo Secron. **Histórias positivas**: a literatura (des) construindo a AIDS. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BIANCARELLI, A. Doença em foco: as reportagens sobre Aids publicadas pela Folha de S. Paulo. **Revista USP**, São Paulo, n.33, mar./abr./maio 1997. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35049>>. Acesso em 18 fev. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acessos em: 9 fev. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTTURI JUNIOR, Atilio. O hiv, o ciborgue, o tecnobiodiscursivo. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 02, n. 58, p.637-657, 2019. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v58n2/0103-1813-tla-58-02-0637.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

CASTRO, Paulo César. **A enunciação midiática da sexualidade a partir da Aids**: os discursos de Veja e Isto é nas décadas de 1980 e 1990. Trabalho a ser apresentado no V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. UERJ, Rio de Janeiro. De 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/31525644888324662420081064433588588489.pdf>>. Acesso em 18 jul. 2020.

CENTRO DE MEMÓRIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/>>. Acesso em: 10 jul. 2019 a 10 abr. 2021.

DANIEL, Herbert. AIDS no Brasil: a falência dos modelos. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Ricard. **AIDS, a terceira epidemia**: ensaios e tentativas. 2. ed. Rio de Janeiro: Abia, 2018. Cap. 3. p. 33-56. Disponível em <http://dominiopublico.mec.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=33630>. Acesso em 04 de março de 2021.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. A terceira epidemia: o exercício da solidariedade. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Ricard. **AIDS, a terceira epidemia**: ensaios e tentativas. 2. ed. Rio de Janeiro: Abia, 2018. Cap. 2. p. 13-31. Disponível em <http://dominiopublico.mec.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=33630>. Acesso em 04 de março de 2021.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia**: ensaios e tentativas. 2. ed. Rio de Janeiro: Abia, 2018.

DARDE, Vicente William da Silva Darde. **As vozes da aids na imprensa**: um estudo das fontes de informação dos jornais Folha de S. Paulo e O Globo. 2006. 186 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/6399>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Disponível em <http://dominiopublico.mec.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=33630>. Acesso em 04 de março de 2021.

EMIL, Luana. R.; SEFFNER, Fernando; STEIL, Carlos A. Dinâmicas entre catolicismo e AIDS: processos de reprodução, transformação e (in)formação. **RECIIS** - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, v. 5, p. 53-71, 2011. Disponível em: <<https://www.reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/502/1151>>. Acesso em: 09 ago. 2020.

FOUCAUL, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GALVÃO, Jane Lúcia Faislon. **AIDS e imprensa um estudo de antropologia social**. Tese de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ. Rio de Janeiro, 1992.

GALVÃO, Jane. **Aids no Brasil: agenda de construção de uma epidemia**. Rio de Janeiro, São Paulo: ABIA, Editora 34, 2000.

GOFFAMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. [S.l.]: LTC, [1989?]. Disponível em: <<http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf>> Acesso em: 03 jun. 2019.

GONÇALVES, Helen. A tuberculose ao longo dos tempos. **História, Ciências, Saúde—Manguinhos**, vol. 7, n. 2, p. 303-25, jul.-out. 2000. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300004&lng=pt&tlng=pt>. Acessos em: 10 fev. 2021.

GRUPO GAY DA BAHIA. **O que é o GGB (nossa história)**. Disponível em <<https://grupogaydabahia.com.br/about/o-que-e-o-ggb-nossa-historia/>>. Acessos em: 09 fev. 2021.

HAYASHI, Renan Kenji Sales. Metáforas de hiv/aids: o corpo utópico nos dizeres. **Letra Magna: Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, [S.l.], v. 23, n. 14, p. 529-551, jul-dez, 2018. Semestral. Disponível em: http://www.letramagna.com/artigos_23/artigo30_23.pdf. Acesso em: 13 jan. 2021.

HENRICHES, Liliana Alberti. **Histórias da Imprensa em Caxias do Sul: Museu e Arquivo Histórico Municipal**, 1988.

HORKHEIMER, Max. Sobre a metafísica do tempo de Bergson. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, [S. l.], n. 6, p. 61-83, 2000. DOI: 10.11606/issn.2318-9800.v0i6p61-83. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/69480>. Acesso em: 14 abr. 2021.

KALICHMAN, Arthur. **Pauperização e Banalização de uma Epidemia**. In. Seminário A Epidemia Social da Aids. Rio de Janeiro. Abia. IMS/UERJ, 1994. Disponível em: <http://www3.crt.saude.sp.gov.br/arquivos/arquivos_biblioteca_crt/M305.pdf>. Acesso em 12 ago. 2020.

LEONILSON. **Saque e aproveite a vantagem**. 1985. Acrílica, guache e verniz sobre página de jornal. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/saque-e-aproveite-a-vantagem-leonilson/mwHUhZEqEZDb6w>>. Acesso em: 05 maio 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-saoist#:~:text=A%20terminologia%20Infec%C3%A7%C3%B5es%20Sexualmente%20Transmiss%C3%ADveis,mesmo%20sem%20sinais%20e%20sintomas>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria nº 264, de 17 de fevereiro de 2020**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2020/prt0264_19_02_2020.html>. Acesso em: 20 mar. 2021.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.

NASCIMENTO, D. R. A face visível da Aids. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, 1997. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v4n1/v4n1a08.pdf>> Acesso em: 08 ago. 2020.

NASCIMENTO, D. R. **As pestes do século XX Tuberculose e Aids no Brasil**: uma história comparada. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

NASCIMENTO, D. R. Narrativa autobiográfica: A experiência do adoecimento por Aids. **Mneme**, Caicó, v. 7, p. 150-166, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/312/287>> Acesso em: 08 ago. 2020.

NASCIMENTO, D. R.. A construção de si: uma narrativa em torno da experiência da Aids. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 3, n.2, 1998. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2065/1547>> Acesso em: 08 ago. 2020.

FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e Mídia Impressa**: estudos sobre a AIDS. São Paulo: Hacker, 1999.

NUNES, Clara. **Hemofilia**. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/hemofilia.htm>> em: 06 ago. 2019.

OROZCO, Yury del Carmen Puello. **Nem Teocracia – nem exclusão**: as intervenções da Igreja Católica no Brasil 1995-2005. São Paulo, SP, 2006, 376p. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião. 376 p.

PÁDUA. Iêda Martins de. SIDA, doença estigmatizante: uma leitura antropológica do problema. **An. Fac. Med. Univ. Fed. Minas Gerais**, Belo Horizonte, v.35, n.1, p.22-27, jan./abr. 1986. Disponível em: <https://ftp.medicina.ufmg.br/anais/ANAIS_DA_UFMG_VOLUME35_NUMERO1/files/assets/downloads/page0022.pdf>. Acesso em 22 mar. 2021.

PAIVA, Vera. “Os Symbolismos da Aids: alteridade e cidadania”. In PAIVA, Vera (Org.) **Em tempos de AIDS: viva a vida, sexo seguro, prevenção, drogas, adolescentes, mulheres, apoio psicológico aos portadores.** São Paulo: Summus, pp. 53-62, 1992.

PARKER, Richard; ANGLENTON, Peter. **Estigma, Discriminação e Aids.** Coleção Abia – Cidadania e Diretos, nº 1. Rio de Janeiro: Abia, 2001. Disponível em: <<http://www.soropositivo.org/abia/estigma/3.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2020.

PARKER, Richard e GALVÃO, Jane (Orgs.). **Quebrando o Silêncio Mulheres e Aids no Brasil.** Rio de Janeiro. Elume-Dumar-a/Abia/IMS-UERJ, 1996 pp. 169-179.

PARKER, Richard. O americano quando cai no samba ou a cultura sexual brasileira e a AIDS. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Ricard. **AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas.** 2. ed. Rio de Janeiro: Abia, 2018. Cap. 4. p. 57-86.

PARKER, Richard. **A Construção da Solidariedade: AIDS, Sexualidade e Política no Brasil.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

PARKER, Richard. **Na Contramão da Aids: Sexualidade, Intervenção, Política.** Rio de Janeiro: Abia/Editora 34, 2002

PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. **Estigma, discriminação e AIDS.** Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS – ABIA, 2001. Disponível em: <http://www.abiaids.org.br/_img/media/colecao%20cidadania%20direito.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2019.

PELIZZARO, Pâmela. **O jornalismo impresso local e a convergência digital: os desafios da apresentação da notícia no jornal Pioneiro em diferentes plataformas.** 2016. 155 f. Monografia (Especialização) - Curso de Jornalismo, Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016. Disponível em: <<http://frisplit.com.br/site/wp-content/uploads/2017/03/Pamela-Pelizzaro-.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2019.

PELÚCIO, Larissa. 2002. **ONGS/Aids e Estado: parceria e conflito.** Dissertação de mestrado em Ciências Sociais apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos.

PELÚCIO, Larissa. Ativismo Soropositivo: a politização da aids. **Ilha: Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 8, p. 119-141, 2007.** Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/7947/14959>>. Acesso em: 09 ago. 2020.

PELÚCIO, Larissa; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad: REVISTA LATINOAMERICANA,** Rio de Janeiro, v. 1, p.125-157, jan. 2009. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/29/26>>. Acesso em: 09 ago. 2020.

PEREIRA, Alyne Melo. **Georeferencing and genotyping of Mycobacterium tuberculosis**. 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado em Medicina) – Pós-Graduação em Medicina Tropical e Saúde Pública, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/1821> >. Acesso em: 22 jan. 2021.

PERLONGHER, Néstor. **O Que é Aids**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PERLONGHER, Nestor. Disciplinar os poros e as paixões. **Lua Nova**, São Paulo, v. 2, n. 3, pág. 35-37, dezembro de 1985. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451985000400007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 abr. 2021.

POLLAK, Michael. **Os Homossexuais e a Aids**: sociologia de uma epidemia. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **100 anos de Imprensa Regional: 1897 – 1997**. Caxias do Sul: Educs, 2004.

REVISTA VEJA. São Paulo, Editora Abril, nº 1.077. 1989.

SÁEZ, Javier. **Pelo Cu**: políticas anais. Belo Horizonte: Letramento, 2016. Tradução de Rafael Leopoldo.

SEFFNER, Fernando. et al. Respostas religiosas à AIDS no Brasil: impressões de pesquisa. **Os Urbanitas**, São Paulo, v. 5, p. 1-20, 2009. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2859840/>>. Acesso em: 03. Jul. 2020.

SEFFNER, Fernando. **O jeito de levar a vida**: histórias de vida de soropositivos. 1995. 294 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13878/000261721.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19. Jun. 2020.

SEFFNER, Fernando; MUSCARI, Marcello. Presença religiosa nas políticas públicas de enfrentamento à aids no brasil: um estudo de caso. **Estudos Teológicos**, v. 52, p. 374-388, 2012. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/307 >. Acesso em: 10. Jul. 2020.

SILVA, Larissa Maués Pelúcio. **Nos Nervos, na Carne, na Pele**: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids. 2007. 313 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1399?show=full>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

SILVEIRA NETO, Adilio Luiz da. **Nós e o que falavam de nós**: subjetividades e discursos jornalísticos –HIV/AIDS em Criciúma (1986-1996). 2014. 306 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Pós-graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129561>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

SIMÕES, Adriana Machado. **A representação social da AIDS construída a partir das informações veiculadas nos jornais diários: análise da cobertura sobre Aids no jornal Estado de Minas.** 1997. 196 f. Dissertação (Mestrado), apresentada, Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais. 1997. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-984QZF?locale=en>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

SIMÕES, Júlio Assis. Gerações, mudanças e continuidades na experiência social da homossexualidade masculina e da epidemia de Hiv-Aids. **Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 313-339, ago. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/sexs/n29/1984-6487-sexs-29-313.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

SOARES, Pedro Paulo. A dama branca e suas faces: a representação iconográfica da tuberculose. **História, Ciências, Saúde—Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 127-134, out. 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701994000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 fev. 2021.

SONTAG, Suzan. **AIDS e suas metáforas.** São Paulo: Schwarcz Ltda, 1989.

SPINK, Mary Jane P. et al. A construção da AIDS-notícia. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.17, n.4, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csp/v17n4/5291.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

TREVISAN, João S. **Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** 4 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

UNAIDS. **Guia de terminologia da UNAIDS.** Brasília: UNAIDS, 2017. Disponível em: <https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2017/10/WEB_2017_07_12_GuiaTerminologia_UNAIDS.pdf?e7c8b3c974>. Acesso em: 22 fev. 2021.

VALLE, Carlos Guilherme do. Identidades, doença e organização social: um estudo das "Pessoas Vivendo com HIV e AIDS". **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 8, n. 17, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ha/v8n17/19082.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n.13, p. 90 - 109, set./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306132014090#:~:text=Os%20sil%C3%A2ncios%20de%20Clio%2C%20acerca,dos%20Anales%2C%20introduziu%20uma%20s%C3%A9rie>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ.** São Paulo: n-1 edições, 2019.

APÊNDICE A – Detalhamento das edições que compõem o inventário de fontes históricas¹¹⁶

Ano	Número de edições	Dias das edições		
1983	4	15/06/1983, 16/06/1983,	22/06/1983, 16/09/1983	
1984	4	20/01/1984, 27/01/1984,	17/05/1984, 09/10/1984	
1985	21	01/02/1985, 05/02/1985, 17/04/1985, 16/05/1985, 24/05/1985, 04/07/1985 25/07/1985, 26/07/1985,	03/08/1985, 10/08/1985, 15/08/1985, 17/08/1985, 23/08/1985, 26/09/1985, 28/09/1985, 03/10/1985,	08/10/1985, 09/10/1985, 08/11/1985, 28/11/1985, 06/12/1985
1986	10	15/01/1986, 21/01/1986, 06/06/1986, 08/07/1986,	04/09/1986, 22/11/1986, 14/12/1986, 16/12/1986,	17/12/1986, 18/12/1986
1987	12	03/01/1987, 05/03/1987, 08/03/1987, 12/03/1987,	15/03/1987, 11/04/1987, 04/06/1987, 21/08/1987	19,20/09/1987 06/10/1987, 26/11/1987, 09/12/1987
1988	7	27/01/1988, 10/02/1988, 13,14/02/1988,	04,05/06/1988, 03,04/12/1988,	03/04/12/1988, 31/12/1988 a 02/01/1989
1989	4	09/01/1989, 18,19/03/1989,	29,30/04/1989 a 01/05/1989,	22/08/1989
1990	5	28/03/1990, 16/05/1990,	14,15/06/1990, 09/07/1990	23/07/1990,
1991	4	09/04/1991, 11,12/05/1991	08/07/1991, 31/07/1991,	
1992	11	24/01/1992, 25,26/01/1992 29/01/1992, 31/01/1992,	04/02/1992, 08/04/1992, 09/04/1992, 10/04/1992,	16,17/05/1992, 26,27/09/1992, 26/10/1992
1993	15	10/02/1993, 08/03/1993, 10/03/1993, 13,14/03/1993, 15/03/1993 29/03/1993,	30/03/1993, 21/06/1993, 17,18/07/1993, 27/08/1993, 12/10/1993,	05/11/1993, 09/11/1993, 10/11/1993, 01/12/1993

¹¹⁶ Os das edições em destaque significam que foram citadas no decorrer da monografia.

1994	10	19,20/02/1994, 14/03/1994, 02,03/04/1994, 20/04/1994,	01/07/1994, 06,07/08/1994 11/08/1994, 29/11/1994,	30/11/1994, 01/12/1994
1995	8	07,08/01/1995 23/01/1995, 17/04/1995,	21/08/1995, 23,24/09/1995 11/10/1995,	22/11/1995, 01/12/1995
1996	5	26/02/1996, 24/07/1996,	25/07/1996, 30/11/1996	02/12/1996

APÊNDICE B – Tematizações de reportagens com referência ao hiv-aids

No quadro abaixo serão apresentadas as 120 edições que compõem o inventário de fontes¹¹⁷, expondo reportagens do jornal *Pioneiro* com referência ao hiv-aids. Priorizamos a “data” ao invés do número da edição, visto que é descontinuada seguidas vezes. Distribuídas em tematizações, algumas edições aparecem em mais de uma categoria, motivo pelo qual, determinadas matérias abordaram diferentes pautas com intersecções.

TEMÁTICAS	NÚMERO DE EDIÇÕES	DATAS DAS EDIÇÕES		
		Semanais		Finais de semana
Capas de jornal	7	15/08/1985, 08/10/1985, 09/10/1985,	14/12/1986, 27/01/1988,	16,17/05/1992, 19,20/01/1994
Estatísticas de casos de hiv e mortes em decorrência da aids	31	15/06/1983, 16/06/1983, 20/01/1984, 17/05/1984, 01/02/1985, 17/04/1985, 24/05/1985, 04/07/1985, 26/07/1985, 15/08/1985, 28/09/1985, 09/11/1985, 06/06/1986, 14/12/1986,	09/12/1987, 27/01/1988, 10/02/1988, 23/07/1990, 09/04/1991, 31/01/1992, 30/03/1993, 21/06/1993, 12/10/1993, 01/12/1993, 20/04/1994, 30/11/1994, 01/12/1995, 30/11/1996,	03,04/12/1988, 18,19/03/1989, 11,12/05/1991
Depoimentos, entrevistas e declarações de pessoas vivendo com o hiv-aids e de familiares	10	04/06/1987, 29/03/1993, 12/10/1993, 05/11/1993,	01/12/1994, 01/12/1995, 30/11/1996,	16,17/05/1992, 13,14/03/1993, 07,08/01/1995
Especialistas e “especialistas”	19	20/01/1984, 17/05/1984, 05/02/1985, 15/08/1985, 17/08/1985, 06/12/1985, 21/01/1986,	26/11/1987, 26/10/1992, 27/08/1993, 05/11/1993, 09/11/1993, 30/11/1994, 01/12/1995,	29,30/04/1989 a 01/05/1989, 11,12/05/1991, 16,17/05/1992, 06,07/08/1994

¹¹⁷ Nem todas as edições presentes no inventário serão expressamente citadas no decorrer do texto, algumas edições utilizamos como suporte de dados e informações.

		17/12/1986,		
Personalidades da indústria cultural	17	15/06/1983, 26/07/1985, 03/08/1985, 23/08/1985, 03/10/1985, 08/11/1985, 06/10/1987,	28/03/1990, 09/07/1990, 24/01/1992, 29/01/1992, 04/02/1992, 23/01/1995, 26/02/1996,	31/12/1988 a 02/01/1989 26,27/09/1992, 07,08/01/1995
Igreja Católica: posicionamento da CNBB, de bispos, papa padres	8	17/12/1986, 03/01/1987, 31/07/1991, 17/04/1995,		19,20/09/1987 19,20/02/1994, 02,03/04/1994, 23,24/09/1995
hiv-aids associado com a homossexualidade	48	15/06/1983, 16/06/1983, 22/06/1983, 16/09/1983, 20/01/1984, 27/01/1984, 17/05/1984, 09/10/1984, 05/02/1985, 16/05/1985, 24/05/1985, 25/07/1985, 10/08/1985, 15/08/1985, 28/09/1985, 03/10/1985, 09/11/1985, 28/11/1985, 06/12/1985, 15/01/1986, 06/06/1986,	08/07/1986, 04/09/1986, 22/11/1986, 14/12/1986, 16/12/1986, 17/12/1986, 03/01/1987, 05/03/1987, 08/03/1987, 04/06/1987, 09/01/1989, 16/05/1990, 27/08/1993, 01/07/1994, 30/11/1994, 01/12/1994, 23/01/1995, 17/04/1995, 21/08/1995, 01/12/1995, 30/11/1996,	03/04/12/1988, 31/12/1988 a 02/01/1989, 11,12/05/1991, 26,27/09/1992, 02,03/07/1994, 06,07/08/1994
Pessoas que usam drogas	17	16/09/1983, 17/04/1985, 04/07/1985, 28/09/1985, 28/09/1985, 22/11/1986, 03/01/1987,	10/02/1988, 01/07/1994, 01/12/1995, 30/11/1994, 01/12/1994, 30/11/1996,	11,12/05/1991, 16,17/05/1992, 26,27/09/1992, 13,14/03/1993, 02,03/04/1994, 02,03/07/1994, 06,07/08/1994
Costumes e moralidade	25	16/09/1983, 17/05/1984, 09/10/1984, 16/05/1985, 04/07/1985, 28/11/1985, 03/01/1987, 30/11/1996, 17/04/1995,	31/07/1991, 27/08/1993, 04/06/1987, 09/01/1989, 15/01/1986, 21/01/1986, 04/09/1986, 17/12/1986, 23/01/1995	11,12/05/1991, 26,27/09/1992, 13,14/03/1993 17,18/07/1993, 19,20/02/1994, 02,03/04/1994, 23,24/09/1995

hiv-aids em mulheres	7	04/07/1985, 26/10/1992, 24/05/1985,	30/11/1994, 01/12/1995, 30/11/1996,	16,17/05/1992
hiv-aids e trabalhadores(as) sexuais	6	16/09/1983, 14/12/1986, 04/06/1987,	26/11/1987, 17/04/1995,	26,27/09/1992
Criminologia e hiv-aids	6	08/07/1986, 14/12/1986, 16/12/1986,	26/11/1987, 15/03/1987, 14/03/1994,	
Conexões entre o hiv-aids e heterossexualidade	12	04/07/1985, 22/11/1986, 24/01/1992, 04/02/1992,	30/11/1994, 01/12/1995, 30/11/1996,	31/12/1988 a 02/01/1989, 14,15/06/1990, 16,17/05/1992, 26,27/09/1992, 06,07/08/1994,
As conexões entre esporte e o hiv-aids	11	16/05/1985, 25/07/1985, 08/03/1987, 24/01/1992, 29/01/1992,	04/02/1992, 09/04/1992, 08/04/1992, 10/04/1992, 23/01/1995	25,26/01/1992
Associação do hiv-aids com a morte	19	15/06/1983, 20/01/1984, 17/04/1985, 03/10/1985, 12/03/1987, 10/02/1988, 10/02/1988, 09/07/1990	10/02/1993, 29/03/1993, 10/11/1993, 01/12/1994, 23/01/1995, 01/12/1995, 26/02/1996, 30/11/1996,	16,17/05/1992, 13,14/03/1993, 07,08/01/1995
Hiv-aids dentro da espacialidade caxiense	35	15/08/1985, 14/12/1986, 16/12/1986, 18/12/1986, 11/04/1987, 27/01/1988, 10/02/1988, 22/08/1989, 23/07/1990, 09/04/1991, 08/03/1993, 10/03/1993, 15/03/1993, 29/03/1993, 30/03/1993, 27/08/1993,	12/10/1993, 05/11/1993, 09/11/1993, 10/11/1993, 01/12/1993, 20/04/1994, 01/07/1994, 29/11/1994, 01/12/1994, 21/08/1995, 01/12/1995, 24/07/1996, 25/07/1996, 30/11/1996,	18,19/03/1989, 11,12/05/1991, 16,17/05/1992, 13,14/03/1993, 17,18/07/1993, 06,07/08/1994
Estrutura de Caxias do Sul para pessoas vivendo com hiv-aids	20	15/08/1985, 14/12/1986, 18/12/1986, 27/01/1988, 08/03/1993, 10/03/1993,	05/11/1993, 09/11/1993, 01/07/1994, 29/11/1994, 01/12/1995, 24/07/1996,	04,05/06/1988, 16,17/05/1992, 13,14/03/1993, 06,07/08/1994

		15/03/1993, 29/03/1993, 12/10/1993,	25/07/1996, 30/11/1996,	
Informações do Ministério da Saúde e Secretarias da Saúde	12	15/06/1983, 24/05/1985, 10/08/1985, 15/08/1985, 26/09/1985, 28/09/1985,	14/12/1986, 08/07/1991, 31/01/1992, 27/08/1993, 30/11/1996,	06,07/08/1994
Campanhas de prevenção ao hiv, uso de camisinha e assistência médica para pessoas vivendo com hiv-aids	21	22/11/1986, 03/01/1987, 21/08/1987, 27/01/1988, 10/02/1988, 22/08/1989, 08/07/1991, 31/07/1991, 12/10/1993, 15/03/1993	05/11/1993, 11/08/1994, 29/11/1994, 17/04/1995, 11/10/1995, 01/12/1995, 22/11/1995, 30/11/1996, 02/12/1996,	13,14/02/1988, 16,17/05/1992 19,20/02/1994, 23,24/09/1995
O ativismo político e o hiv-aids	8	26/09/1985, 09/01/1989, 29/03/1993,	17/04/1995 01/12/1995, 02/12/1996	19,20/09/1987, 16,17/05/1992, 13,14/03/1993